

O HOMEM QUE MARCHA

Benjamin Lima

COLEÇÃO PORACE | TEATRO



valer
EDITORA

O teatro encerra em si múltiplos segmentos da sensibilidade humana: literatura, dança, artes plásticas, além de todo um aparato cenográfico, iluminação, móveis e utensílios, e a interpretação propriamente dita.

É a manifestação viva da criatividade e talento, e, se concatenado entre autor, diretor e atores numa simbiose tal, faz que determinada peça teatral seja um espetáculo grandioso, rico de "verdades", em encenação altamente válida.

É o que nos apresenta agora o esquecido, mas grande dramaturgo, Benjamin Lima, com sua peça *O homem que marcha*, depois daquele recuado e conturbado novembro de 1924, no Distrito Federal, atual cidade do Rio de Janeiro.

O homem que marcha, de texto antigo porém de conteúdo sempre moderno, é a farsa em três atos vivida por Henriqueta, Ramiro e Conrado como principais protagonistas da



Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

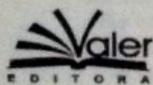
Secretário-Executivo
Arlindo Júnior

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Edições
Governo do Estado
Editora Valer

Benjamin Lima

O homem que marcha



Copyright © Benjamin Lima, 2003

EDITOR
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Tenório Telles

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Rômulo Nascimento

REVISÃO
Cynthia Teixeira
Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

FICHA CATALOGráfICA
Ycaro Verçosa

L732h Lima, Benjamin.

O homem que marcha. / Benjamin Lima. — Manaus: Editora Valer e
Governo do Estado do Amazonas, 2003.

200 p.

ISBN 85-7512-128-6

1. Teatro amazonense. I. Título.

CDU 792(811.3)

2003

EDITORA VALER
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br

○ HOMEM QUE MARCHA

A farsa moderna em 3 atos, intitulada *O homem que marcha*, foi lida pelo autor na Secretaria do Palácio-Teatro, a 24 de setembro de 1924, presentes a atriz Bertha Bivar, os atores Alves da Cunha e Carlos Santos, além de vários representantes da imprensa carioca, entre os quais Gastão de Carvalho, Flexa Ribeiro, Raphael Pinheiro, Victor Lisboa, Baptista Júnior e outros.

Aceita por Alves da Cunha, diretor da companhia que tinha o seu nome, entrou imediatamente em ensaios, ficando assentado, com prévia anuência do senhor Alaor Prata, prefeito do Distrito Federal, que a respectiva *première* se realizasse no Teatro Municipal, a 15 de novembro, em espetáculo de gala, para registro solene do início de um elevado intercâmbio teatral luso-brasileiro.

Os acontecimentos anormais que se desenrolaram nesta cidade, aos primeiros dias daquele mês, notadamente a sublevação dos tripulantes do

couraçado "São Paulo", tornaram impossível a execução de tal projeto. De qualquer adiamento não havia cogitar-se, porquanto a Companhia tinha de seguir imediatamente, como de fato seguiu, para os Estados do Sul, na conformidade de compromissos anteriores.

De regresso ao Rio de Janeiro, onde tinha de encerrar a sua temporada no Brasil, Alves da Cunha reservou a primeira d'*O homem que marcha* para a sua récita de despedida, efetuada a 1.º de março de 1925, no Teatro Lírico, com a seguinte distribuição dos grandes papéis:

HENRIQUETA	Bertha Bivar
RAMIRO	Alves da Cunha
CONRADO	Antônio Mello

Os Farsantes

HENRIQUETA	25 anos
RAMIRO	34 anos
CONRADO	30 anos

Mais:

O Chofer

A Criada

A Cozinheira

Atualidade, no Rio de Janeiro.

PRIMEIRO ATO

Sala de estudo em casa de Ramiro. À direita, porta larga, em arco, de acesso à sala de visitas, com reposteiro corrido. Porta ao fundo, dando comunicação para a sala de jantar. À esquerda, porta no segundo plano e janela no primeiro, dando ambas para o jardim.

Mobiliário pobre, mas com pretensões a conforto e elegância. Grupos esparsos, estofados a reps. Chaise-longue. Mesa de trabalho, ampla, atravancada de livros, à esquerda, no primeiro plano, em correspondência com a janela.

Reposteiro às portas do fundo e da esquerda. Telefone sobre a mesa.

(Nove horas da noite. Cena deserta. Sons de piano vêm, abafados, da sala de visitas. Retine a campainha da entrada uma, duas vezes. Volta vibrar, impaciente. Henriqueta entra pela porta à direita, atravessa a correr a cena, abre a porta à esquerda. É Ramiro que regressa.)

RAMIRO (*Visivelmente abatido e enervado por um dia de muito movimento e grandes contrariedades*)

– Safa! Tive gana de me assentar na soleira. A lesma da cozinheira será surda, além de lesma?

HENRIQUETA

– Qual cozinheira?

RAMIRO

– A do vizinho, naturalmente. Podia eu falar de outra?

HENRIQUETA

– Eu tinha o direito de te replicar com ironia pior. Mas prefiro dizer-te logo o que aconteceu. Não temos mais cozinheira. E ficas punido por tudo: pela ironia e pela impaciência.

RAMIRO

– Que história é essa? Brigaste com ela, já sei. E mandaste-a

embora. Mas não te queixes depois: tens de substituí-la por muito tempo, até se conseguir outra. E isso nada tem de fácil.

HENRIQUETA

– Desta vez te enganaste. Não briguei com ela. Foi-se porque assim deliberou. E – queres saber?

– levou saudades de mim. Ou, pelo menos, fingiu que as levava.

RAMIRO

– Qual o motivo, então?

HENRIQUETA

– Homem feliz, o que tem pouca memória...

RAMIRO

– Questão de dinheiro?

HENRIQUETA

– E justíssima questão. Três meses vencidos. Há dias que vinha recla-

mando alguma coisa, uma parte,
embora pequena.

RAMIRO

– Mas não me disseste...

HENRIQUETA

– Alto lá! Falta de memória se to-
lera, mas embuste, não. Há muitos
dias que te chamo a atenção para
isso.

RAMIRO

– Sim. Mas não me preveniste de
que ela nos ameaçava de abalar.

HENRIQUETA

– Disse-te muitas vezes que ela se
tornava de dia para dia mais im-
paciente. Não dava no mesmo?

RAMIRO

– Que cábula! (*Como quem se
recorda*) E isto no dia de teu

aniversário. A propósito: deixa que te beije.

HENRIQUETA

– Não te lembraste pela manhã. A oportunidade passou.

RAMIRO

– Não é de admirar, no meio de tantas agonias. Sabes como foi que me apercebi?

HENRIQUETA

– Olhando para a folhinha, talvez...

RAMIRO

– Antes fosse. Não. É que eu tinha uma letra a vencer hoje.

HENRIQUETA

– Que choque!

RAMIRO

— Realmente. À tristeza do compromisso vencido, à contrariedade de não poder liquidá-lo sem humilhação, juntou-se o pesar de nem sequer te haver acariciado ao sair de manhã cedo.

HENRIQUETA

— Já perdeste o hábito. Também, com oito anos de convivência... O tempo das pieguices já passou.

RAMIRO

— Não podes dizer que eu pense assim.

HENRIQUETA

— Não é questão de pensar, é de sentir.

RAMIRO

— Achas que deixei de te querer bem? Pensarás que gosto de outra mulher?

HENRIQUETA

– Com franqueza, não rendo esta homenagem ao teu amor-próprio.

RAMIRO

– Como assim? Ah! Já sei. É que perdi totalmente o poder de sedução. Mas vocês, mulheres honestas, costumam dizer que as conquistas de hoje só dependem de dinheiro.

HENRIQUETA

– Seja qual for a verdade, estás condenado ao fracasso. Nem dinheiro, nem beleza.

RAMIRO

– Então? Será por que envelheci antes do tempo?

HENRIQUETA

– Sei lá! O que é certo é que não consegues disfarçar tua indiferença.

RAMIRO

– Talvez tenhas razão, em parte.

HENRIQUETA

– Já não negas.

RAMIRO

– Talvez tenhas razão, repito. Não há mocidade, entusiasmo, exaltação que não sejam finalmente devastados por uma existência como esta – uma angústia contínua, um pesadelo que não finda. Sou uma espécie de naufrago a bracejar, a bracejar...

HENRIQUETA

– É minha, porventura, a culpa?

RAMIRO

– Nunca o disse, nunca o direi. Seria uma estupidez. Mais do que uma injustiça. Fui eu mesmo que me derrotei. Ou, antes: nasci der-

rotado. Tal qual o espanhol que já
estava cansado quando nasceu.

HENRIQUETA

– Não sabes lutar.

RAMIRO

– Talvez... Realmente, parece que
a única felicidade possível no
mundo tem de ser conquistada
por meio de uma violência.

HENRIQUETA

– E tu és um tímido.

RAMIRO

– E eu sou um bom.

HENRIQUETA

– Ah! Perdoa-me. Isso mesmo!
Um bom.

RAMIRO

– Não exigia que retificasses.
Nessa hipótese tímido é sinónimo

de bom. Minha bondade é função de minha timidez. Minha timidez obriga-me a ser bom. Sou-o independentemente de minha vontade. E por isso não tiro daí nenhum orgulho.

HENRIQUETA

— Que fizeste hoje! Não trazes sequer uma esperança de melhorar? Esta situação é insustentável.

RAMIRO

— Bati a todas as portas. Uma negativa por toda parte.

HENRIQUETA

— Então, o teu projeto?...

RAMIRO

— Abandonado.

HENRIQUETA

— Mais um.

RAMIRO

– Mais um.

HENRIQUETA

– E tinhas confiança nele?

RAMIRO

– Absoluta.

HENRIQUETA

– Pensa em outra coisa. Sempre me pareceu difícil que alguém te emprestasse uma quantia tão avultada.

RAMIRO

– Oh! Tão avultada! Vinte contos! E eu poderia garantir juros excelentes e reembolso próximo.

HENRIQUETA

– Enfim, cada louco tem a sua mania. Deu a tua para essa história de imprensa. Podias criar uma situação de outro modo.

RAMIRO

— Meu anelo era trabalhar de preferência no domínio de atividade para que me reconheço com idoneidade, relativa pelo menos.

HENRIQUETA

— Trouxeste algum dinheiro?

RAMIRO

— Alguns níqueis.

HENRIQUETA

— E as despesas de porta, pela manhã? Farei o que está em minhas forças — substituir a criada. Mas não tenho de onde retirar o dinheiro indispensável para as compras.

RAMIRO

— Vou arranjá-lo. (*E dispõe-se a sair*)

HENRIQUETA

— A quem vais pedi-lo?

RAMIRO

— A quem há de ser? Ao meu irmão.

HENRIQUETA

— Já o esperava. E já o temia.

RAMIRO

— Não achas razoável que eu me humilhe de preferência a ele?

HENRIQUETA

— Acho. Mas tenho perfeita consciência deste nosso aviltamento.

RAMIRO

— Aviltamento, não. Exageras.

HENRIQUETA

— Aviltamento, sim. Queres a prova? Aqui a tens: ninguém de sua casa veio hoje cá, pelo motivo de meu aniversário.

RAMIRO

– Não se recordam.

HENRIQUETA

– Recordam-se. Pelo menos tua cunhada. Nós, mulheres, podemos ter memória fraca para tudo o mais. Menos para essas coisas que vocês, homens, consideram fúteis.

RAMIRO

– Por que, então?

HENRIQUETA

– Porque já nos negam o luxo dessas pequeninas festas íntimas, dessas humildes alegrias.

RAMIRO

– Tens a arte de nos fazer ainda mais infelizes do que somos. Tólices! Passou-lhes despercebida a data de hoje, como a mim próprio ia passando...

HENRIQUETA

– Se não fosse o cobrador...

RAMIRO

– Uma coisa que acontece.

HENRIQUETA

– Toda a tua família tem pouca memória.

RAMIRO

– Faze ironia. Prefiro-te assim. Não te quero apática, desolada, vencida...

HENRIQUETA

– Queres demais – resignação às gargalhadas.

RAMIRO

– Sorridente, apenas. (*Numa efusão de ternura*) Meu amor! Se soubesses quanto me dói ver-te assim, privada de todo o conforto a que estavas acostumada. Sofreria

tudo satisfeito se não partilhasses de meu sofrimento. Sabes lá quanto me envergonho diante de mim mesmo, por não te poder oferecer hoje nem sequer uma jóia de fantasia, de dez ou vinte mil-réis.

HENRIQUETA

— O que vale é o hábito. A tudo a gente se acostuma.

RAMIRO

— Do tom em que falas eu deduzo que nunca o terás, esse hábito. Enfim, nem todos são obrigados a possuir vocação para o martírio. (*Outro tom*) Até já. Vou à casa de Mário antes que fique mais tarde.

HENRIQUETA

— Não demores muito. O Conrado ficou de vir agora conversar.

RAMIRO

— Conrado? E já chegou? Como soubeste de sua volta?

HENRIQUETA

— Telefonou de tarde. Acabava de chegar. Veio de Santos, pelo mar.

RAMIRO (*A uma súbita inspiração*)

— Quem sabe se ele foi trazido pela Providência?

HENRIQUETA

— Que queres dizer?

RAMIRO

— Não sabes que foi a São Paulo por causa da morte de um irmão solteiro, tão rico quanto ele, e de quem é herdeiro exclusivo? Sua fortuna, que já era considerável, duplicou agora.

HENRIQUETA

— E daí?

RAMIRO

— Pode emprestar-me, sem o menor sacrifício, a quantia de que necessito para montar o meu semanário.

HENRIQUETA

— Estás louco.

RAMIRO

— Louco, por quê?

HENRIQUETA

— Estás louco. Tomar dinheiro emprestado a Conrado? Nunca que o não consinto eu.

RAMIRO

— E esta! Então, não te opões a que eu faça pedido idêntico a amigos de muito menor intimidade, até mesmo a simples conhecidos, e consideras o maior dos absurdos dirigir-me a Conrado? Conrado, o

mais antigo e leal de todos os meus amigos, companheiro de brinquedo na meninice, de traquinadas na adolescência, das farras aos vinte anos? Um irmão, quase...

HENRIQUETA

— Por tudo isso, precisamente, não o deves importunar.

RAMIRO

— Mas isto é um paradoxo...

HENRIQUETA

— Apenas bom senso, apenas senso comum.

RAMIRO

— Contra-senso, apenas, é que é. Verdadeiro disparate.

HENRIQUETA

— Disparate ou não, peço que te conformes com a minha opinião.

RAMIRO

— Tua opinião, além de absurda em si, é contrária aos meus interesses, conseqüentemente aos teus. Repilo-a justamente por amor de ti.

HENRIQUETA

— Ouve, Ramiro. Não te posso fazer imposições. Faço-te um pedido. Não solicites a Conrado esse favor. Diz-me o coração que, se teimares, sucederá à amizade existente entre vocês o que sucede a todas as amizades sob a influência de transações como essa, de qualquer transação...

RAMIRO

— Falas assim porque ainda não conheces bem os sentimentos de Conrado. Asseguro-te que me servirá com grande satisfação.

HENRIQUETA

– Não garantas. Olha que a pedido de dinheiro raríssimas amizades resistem. Um amigo injuriado pode perdoar. Mas um amigo que se julga explorado, não perdoa jamais.

RAMIRO

– Pois então fica sabendo que Conrado é uma exceção maravilhosa. Sei de amigos comuns que não têm o menor escrúpulo em incomodá-lo, que o fintam mesmo com descaro, e por quem ele conserva a mesma estima. Tenho observado muitas vezes o fato, tenho-o testemunhado. Acresce que nossa camaradagem está muito acima de qualquer outra. E é até inexplicável que eu me não tivesse lembrado logo dele.

HENRIQUETA

– Persistes, então, no propósito de lhe falar?

RAMIRO

— Pois claro.

HENRIQUETA

— Não atendes às minhas ponderações?

RAMIRO

— Ponderações, não. Infantilidade. Seria o cúmulo do absurdo que eu, para te satisfazer a um capricho, renunciasse ao único expediente de que posso lançar mão para sair das dificuldades em que me debato. Além de que tenho certeza de poder reembolsá-lo integralmente.

HENRIQUETA

— E eu te garanto que nada lhe pedirás.

RAMIRO

— Como assim? Quem o impedirá?
Tu?

HENRIQUETA

– Não. Tu mesmo.

RAMIRO

– Mau! Estás misteriosa. Não compreendo.

HENRIQUETA

– Serás tu mesmo que te proibás fazer a Conrado esse pedido.

RAMIRO

– Cada vez te entendo menos. Explica-te.

HENRIQUETA

– É muito simples. Gostarias de solicitar favores dessa natureza a um homem que passasse aos olhos de alguém como sendo amante de tua mulher?

RAMIRO

– Absolutamente não. Mas ninguém teve jamais a audácia de te atribuir essa indignidade.

HENRIQUETA

– Alegra-me verificar que a infâmia não diminui tua confiança em mim.

RAMIRO

– Nem em ti que sei esposa irrepreensível, nem em Conrado que julgo incapaz de enxovalhar a casa de um amigo, e amigo como eu.

HENRIQUETA

– Mas não podes evitar que a maledicência da humanidade nos atinja. O fato de Conrado vir aqui freqüentemente, de aparecer ao nosso lado em espetáculos e festas, ele muito rico, nós paupérrimos, autorizou alguém a supor

coisas horríveis a nosso respeito. E esse alguém o escreveu em carta dirigida a mim.

RAMIRO

— Que é dela?

HENRIQUETA

— Teria nojo de mim mesma se a conservasse. Rasguei-a.

RAMIRO

— Fizeste mal. Podia ser um indício para o descobrimento de quem ta enviou.

HENRIQUETA

— Esqueces que a máquina de escrever veio assegurar uma impunidade absoluta aos difamadores?

RAMIRO

— Mas nem te animas a desconfiar de alguém?

HENRIQUETA

— Sim. De tua cunhada. Da mulher de teu irmão.

RAMIRO

— É possível? De Júlia?

HENRIQUETA

— Não sabes que me detesta? Foste o primeiro a observá-lo, e mais de uma vez lhe percebi alusões perversas, se bem que sutis, à assiduidade de Conrado em nossa casa.

RAMIRO

— Que miséria!

HENRIQUETA

— Percebes, enfim, o motivo de minha atitude. Ela saberia forçosamente desse empréstimo, se ele chegasse a fazer-se. E que não pensaria de nós, estando, como

está, convencida da própria invenção, da própria infâmia?

RAMIRO

— Então achas que nos devemos escravizar desse modo a uma víbora como essa? É uma covardia e uma humilhação. *(Pausa)* Decididamente não me convenceste. Falarei ao Conrado amanhã. Não posso renunciar ao único auxílio que está ao meu alcance.

HENRIQUETA *(Requintando em meiguice)*

— Não teimes, meu querido. Há outros inconvenientes nesse empréstimo. E sabes qual, a meu ver, o maior? O receio que devemos ter de que Conrado se modifique para conosco, se retraia, demonstrando de qualquer modo um aborrecimento, seu medo de ser prejudicado em quantia tão grande. Atende-me, peço-te. Pelo

menos não o faças ainda. Deixe o Conrado para recurso extremo.

RAMIRO

— Não deixas de ter um pouco de razão.

HENRIQUETA

— Tenho-a, sim, fica certo. Acomodarás a tua vida de outra maneira.

RAMIRO

— Que a acomode ou não, é secundário. Viveremos assim. Ou morreremos, o que é sempre uma solução magnífica. Não te parece?

HENRIQUETA

— Como tu és bom! Como te sou grata por me haveres atendido!

RAMIRO

— E não tenho mais tempo a perder. Dou um pulo à casa do

Mário. Dize a Conrado, se chegar durante a minha ausência, que não me demorarei. Até já.

HENRIQUETA

— Até logo.

RAMIRO (*Já no limiar da porta, à esquerda*)

— Queres que a deixe aberta?

HENRIQUETA

— Podes deixar. Está agradável a temperatura do jardim.

RAMIRO (*Do jardim*)

— Henriqueta! Aqui está o homem!

(Henriqueta encaminha-se para a porta à esquerda, transpõe-na. Prossegue o diálogo, fora — diálogo de exclamações alvissareiras, interjeições de alegria, expressões afetuosas.

Voltam à sala Henriqueta e Ramiro, seguidos de Conrado.)

CONRADO

– Salve! Boa-noite! Como estão?
Bravos, Henriqueta! Está ótima.

HENRIQUETA

– Ótima? É vago. Defina bem o
elogio.

RAMIRO

– Toma cuidado. Vê lá se vais dizer
que ela está gorda! Aprume-se,
monsieur La Gaffe!

CONRADO

– Não há perigo, meu caro. Sou
velho piloto desses mares. Henri-
queta não engordou nem ema-
greceu. Mas está com um aspecto
de saúde que a faz mais bonita
ainda.

HENRIQUETA

– Obrigada, incorrigível galan-
teador.

RAMIRO

— Parabéns, meu caro. Tiveste uma saída de mestre.

CONRADO

— Também se na minha idade ainda não soubesse respeitar a vaidade feminina...

HENRIQUETA

— Será você tão respeitador quanto se inculca?

CONRADO

— Depende do que se entenda por essas palavras. Parece que, às vezes, para se respeitar direito a vaidade de uma mulher, se tem o dever de desrespeitá-la, a essa mulher...

RAMIRO

— Cuidado, sátiro endinheirado! Olha o Código Penal. Olha a paralisia geral dos alienados! A medi-

cina ainda não inventou a enxertia de medula nova.

CONRADO

— Basta de assuntos licenciosos.
(*A Ramiro*) Que fazes?

RAMIRO

— Trato de organizar a publicação de que te falei.

CONRADO

— Não reages contra a mania de imprensa. Quando tomarás a heróica resolução de pensar em coisas mais práticas? Não queres renunciar ao teu idealismo? Trata, então, de dividir a tua atenção, o teu entusiasmo, a tua atividade: metade para a arte, metade para a indústria. Nesta ganharias com que compensar os sacrifícios àquela.

RAMIRO

– Mas é isto justamente o que pretendo fazer praticando o jornalismo – arte e indústria, ao mesmo tempo.

CONRADO

– Ele tem, realmente, esses dois aspectos, sendo que nas mãos de muitos o aspecto arte desaparece, e fica somente o aspecto comercial, e quase sempre baixamente comercial. Contigo estou certo de que se dará o contrário: prevalecerá exclusivamente o aspecto artístico. E perderás dinheiro, e te arruinarás.

RAMIRO

– Na pior hipótese terei vivido um belo sonho.

CONRADO

– Sonho de um mês, quando muito. O capitalista em cujo pré-

dio instalarás tua revista, teus colaboradores, teus operários, teus fornecedores, não são sonhadores como tu. Debandarão, dentro em pouco, revoltados contra o teu romantismo retardatário.

HENRIQUETA

— É a minha convicção.

RAMIRO

— Não discordo, também.

CONRADO

— E por que insistes?

RAMIRO

— Porque é próprio do homem pensar de um modo e agir de outro.

CONRADO

— Poeta! Filósofo! Aonde irás parar?

RAMIRO

— Leio o teu pensamento: cadeia ou manicômio. Mas, por enquanto, vou à casa de meu irmão. Coisa rápida. Um quarto de hora, no máximo.

CONRADO

— Mora na mesma casa?

RAMIRO

— Sim, nesta mesma rua.

CONRADO

— Transmite-lhe um abraço meu.

RAMIRO

— De bom grado. Até já.

CONRADO

— Até já.

(Ramiro sai, deixando a porta aberta. Henriqueta encaminha-se até a porta por onde acaba de sair seu marido, e de lá, sem se voltar,

enquanto se certifica do afastamento de Ramiro, acena a Conrado, que espere. Conrado, de pé, ao meio da cena, acompanhou-lhe todos os movimentos com atenção ao mesmo tempo curiosa e amorosa, divertida e sorridente. Depois, numa carreira estouvada, Henriqueta atira-se aos braços de Conrado, que a suspende num abraço frenético, como se fora uma criança. E o diálogo se inicia, cortado de carícias e de beijos.)

CONRADO

— Que imprevista felicidade!

HENRIQUETA

— Vês como Deus nos protege? Fez que Ramiro precisasse falar ao irmão. Se assim não fosse, nosso encontro teria de ser um horrível constrangimento recíproco.

CONRADO

— Protege-nos, sim. E olha que com isto prova ser um Deus honesto e de bom gosto. Positiva-

mente, os ateus são idiotas. Deus é um excelente rapaz. Camarada até ali...

HENRIQUETA

— Conrado, meu amor, não blasfemes!

CONRADO

— Mas foste tu que começaste, minha querida. Tu, sim, pois descobriste que Deus é nosso aliado.

HENRIQUETA

— E tu logo abusando. É a irremediável tendência dos homens. Deus pode castigar-nos.

CONRADO

— Abusando, não. Tratava de o estimular para que se interesse cada vez mais por nós. Não há como um louvor para concitar os homens a perseverar na virtude. E

sabes que os deuses são sempre feitos à nossa imagem e semelhança.

HENRIQUETA

— Cala-te, impenitente pecador.

CONRADO

— Eu te faria a maior das injustiças se deixasse de ter, junto de ti, a alma carregada de pecados. Pecados e pecados, pecados sem conta, o suficiente, pelo menos, para que a nossa felicidade seja mais, muito mais que uma simples palavra.

HENRIQUETA (*Vencida pelo contágio daquela paixão*)

— Quando me esperas?

CONRADO

— Amanhã, à hora do costume.

HENRIQUETA (*Depois de o beijar longamente*)

– Agora tenhamos juízo. (*Sentam-se no mesmo sofá*)

CONRADO

– Não me esperavas tão cedo?

HENRIQUETA

– Espero-te, ao contrário e ansiosamente, desde...

CONRADO

– Quando? Não te preveni de meu regresso, justamente porque desejava fazer-te surpresa.

HENRIQUETA

– Desde o dia em que partiste, tolinho.

CONRADO (*Num êxtase*)

– Feiticeira!

HENRIQUETA

– Não. Apaixonada, unicamente.

CONRADO

– Isto mesmo. Teu sortilégio é o teu amor.

HENRIQUETA

– Gostarás dele sempre? Será eterno o teu amor ao meu amor?

CONRADO

– Mais do que eterno. A eternidade é medida elástica, mas medida ainda assim. Não me satisfaz.

HENRIQUETA

– Com que encheste teus dias em São Paulo?

CONRADO

– Com recordações de ti, com saudades de ti, com infinito, alanceante desejo de ti.

HENRIQUETA

– Se mo pudesses provar...

CONRADO

– Uma prova pelo menos trago eu.

HENRIQUETA

– Qual?

CONRADO

– O teu mimo de aniversário. Vê!
(*E entrega-lhe um pequeno estojo*)

HENRIQUETA (*Cedendo a um primeiro movimento de garridice feminina*)

– Que lindo! Que beleza!

CONRADO

– Gostas? Que alívio! Tinha receio de haver escolhido mal.

HENRIQUETA (*Dominada*)

– Gosto muito de o olhar.

CONRADO

— Como assim?

HENRIQUETA

— Gosto de o olhar. E alegra-me enormemente que o tenhas adquirido com o intuito de mo trazer. Mas...

CONRADO

— Mas...

HENRIQUETA

— Não o aceito.

CONRADO

— Por quê? Temor de Ramiro? Mas eu vou entregar-to em presença dele. E afirmo-te que ele achará a coisa mais natural do mundo um presente de seu velho amigo à sua mulher.

HENRIQUETA

— Não é por causa dele que recuso o teu presente. É por minha causa mesma.

CONRADO

— Que queres dizer?

HENRIQUETA

— Só receberei de ti presente de um valor insignificante. Flores, por exemplo. Quantas quiseres, quantas encontrares.

(E obriga-o a guardar de novo o estojo.)

CONRADO

— Não te compreendo. Uma flor pode valer tanto quanto uma jóia. Tal seja a flor.

HENRIQUETA

— Mas é efêmera. Por maior que lhe seja o valor, ela o perde em vinte e quatro horas.

CONRADO

— Fazes questão de não possuir uma recordação minha?

HENRIQUETA

— Só me conviria uma que não fosse parte de tua fortuna.

CONRADO

— Compreendo agora, minha terrível orgulhosa. É o meu dinheiro que te repugna. É ele que faz nascerem em ti essas suscetibilidades ferozes.

HENRIQUETA

— Não o contesto.

CONRADO

— Mas por quê?

HENRIQUETA

— Nada mais fácil de explicar. O que tu vês em torno de ti, pondo-te cerco permanente, o que vês ou

pelo menos sentes atrás de ti, dando-te caça por onde quer que andes, é um bando de mulheres a quem a lembrança de teu dinheiro tira o sono e a tranqüilidade. Tens o direito de professar a respeito de todo o sexo um ceticismo cruel. Não posso ter a certeza de que me sabes diferente dessas mulheres cujo sentimentalismo e cujo sensualismo são artifícios organizados cuidadosamente para lhes ocultarem o único, o verdadeiro objetivo: o dinheiro. O teu dinheiro.

CONRADO

— Mas é monstruoso que me consideres capaz de uma confusão.

HENRIQUETA

— Admito que não o sejas. Nada, porém, poderia fazer desaparecer em mim, definitivamente, o receio de tal injustiça.

CONRADO

— Daí...

HENRIQUETA

— A necessidade que tenho de te demonstrar a todo instante a elevação, a delicadeza, a pureza de meu afeto. Se eu deixasse de o fazer, aquele receio me traria continuamente martirizada. Ficaria descontente comigo mesma.

CONRADO

— Que tolice! Quase que me levas a execrar minha fortuna. Gostarias que me desfizesse dela? Posso distribuí-la entre casas de caridade...

HENRIQUETA

— Nunca! Nunca!

CONRADO

— Por que te alarmou esse pensamento? Por me julgares escraviza-

do ao dinheiro? Incapaz de encontrar felicidade completa longe dele?

HENRIQUETA

— Estás enganado. Creio-te capaz de todas as grandes ações. Mas tenho a certeza de que viria ser menos feliz se ficasses pobre.

CONRADO

— Como assim? Estás a bombardear-me com enigmas.

HENRIQUETA

— Explico-te com a sinceridade de quem vê tudo muito claro dentro de si e não faz questão de o revelar. Tenho a desconfiança de que a tua fortuna concorre para a sedução que exerces sobre mim. Não falarei do tratamento que ela te permite aumentando-te a beleza, o que bastaria para torná-la muito agradável ao meu coração.

CONRADO

– Que mais?

HENRIQUETA

– Há outra coisa ainda! É da consciência de possuir esse formidável elemento de dominação que te vem certo ar de generoso e condescendente despotismo, essa auréola de vitória, essa confiança na própria força, que te tornam mais irresistível.

CONRADO

– Apavoras-me com as complicações de teu sentimento.

HENRIQUETA

– Quem sabe? Talvez eu te queira bem rico precisamente para ter sempre a volúpia de só a ti te querer, repudiando tudo mais num grande gesto.

CONRADO

– És um anjo.

HENRIQUETA

– Ou um demônio. Existe, de fato, uma espécie de satanismo no empenho, que faço, de só querer o teu amor, quando as outras co-
biçam o teu dinheiro.

(Conrado enlaça-a mais apaixonadamente, mais impaciente...)

HENRIQUETA *(Repelindo-o suavemente)*

– Amanhã, sim? *(Desvencilhando-se dele)* Quer ver o ilustre viajante os meus progressos ao piano? Queira acompanhar-me.

(Passa à sala de visitas, seguida por Conrado.)

(Cena vazia por alguns momentos. De espaço a espaço, ouve-se um trecho de música de câmara, interrompido pelo riso nervoso de Henriqueta.)

Entra Ramiro e estaca surpreso ao perceber que não está ninguém na sala.

Uma gargalhada de Henriqueta, esfuziando de súbito, ecoando no ar parado do 'estúdio'; fá-lo estremecer. Gera-lhe, evidentemente, uma suspeita.

Instintivamente passa a caminhar sem ruído, e, aproximando-se da porta à direita, entreabre com sutileza o respectivo reposteiro, e logo deixando-o cair, recua estupefato.

Após uns instantes de indecisão, dirige-se com passos de autômato, para sua mesa. Senta-se a ela sem rumor. Abre uma das gavetas e dela tira uma pequena pistola. Depõe esta sobre a mesa e queda em meditação. De súbito, à evocação de algum episódio, fuzila-lhe nos olhos um clarão de malícia com qualquer coisa de diabólico. E, lentamente, um sorriso que nasceu nos olhos desce para os lábios, espraia-se-lhe por todo o rosto, converte-se afinal em riso convulsivo, sardônico, dolorosamente voluptuoso, mas silencioso em absoluto. Guarda a pistola. Ergue-se,

vai à porta da esquerda, e de lá irrompe, como quem acaba de chegar, com estrepitosa alegria, fazendo que se apercebam, na sala, a mulher e o amigo, de sua chegada. Imediatamente surge Henriqueta à porta da direita, seguida, a pequeno intervalo, por Conrado.

Um vago constrangimento em ambos, o qual se prolonga, ora maior, ora menor, até o fim do ato.)

HENRIQUETA (*A Ramiro*)

— Tardaste muito.

RAMIRO (*Entre acessos de riso irreprimível*)

— Ora, deixa-me. Se soubesses o que me aconteceu...

CONRADO

— Nada de desagradável, está-se a ver.

RAMIRO

— Qual desagradável! Desopilante. Hilariante.

HENRIQUETA

— Olha: o Conrado já está farto de ser caceteado pelo meu piano. Não vais, agora, caceteá-lo com o teu riso sem motivo.

RAMIRO

— Sem motivo? Não está má, esta! Achas que não há motivo? Há, sim. É que o ignoras.

HENRIQUETA

— Conta logo tudo.

RAMIRO

— Conto. Conto. Eu podia ter aca-nhamento do Conrado. Mas — que diabo! — ele é um irmão. Não és, Conrado? Nosso irmão, é que é: meu e teu, Henriqueta. *(Uma pausa de riso mais impertinente, mais estranho)* Imagina, Henriqueta, que, a propósito da chegada de Conrado, eu contei à Laura a história da carta anônima. Sabes,

Conrado? Uma carta anônima que escreveram à Henriqueta lançando-lhe em rosto o ter um amante. E sabes quem esse amante?

CONRADO

– Dize!

RAMIRO

– Tu! Henriqueta possuía motivos para atribuir à Laura a autoria dessa carta. E não é que tinha razão? Apurei-o agora. Laura ficou lívida ao ouvir-me. Uma confissão perfeita e que eu lhe arranquei involuntariamente. (*Ri exageradamente*)

CONRADO

– Não a supunha capaz dessa infâmia.

HENRIQUETA

– Sabe dissimular como ninguém.

RAMIRO

— Mas traiu-se agora. É que eu sou um pavoroso violador de segredos. Nenhum me escapa.

CONRADO

— Há nisso uma particularidade grave que devemos encarar gravemente. Se minha presença em tua casa expõe tua mulher à maledicência pública, estou pronto a afastar-me.

RAMIRO

— Era só o que me faltava. Então achas possível que eu, com pavor da opinião dos outros, me escravize a ela? Estás enganado. Quero-te conosco mais do que nunca. Continuo, meu caro, irreduzível inimigo da democracia, que é o despotismo da massa ignara. Sou obrigado a suportá-lo na rua. Mas contra ele posso e quero rebelar-me dentro de minha casa.

CONRADO

– Se entendes assim...

RAMIRO

– Claro que entendo. Mesmo porque, se te retraíesses agora, se te afastasses, sabes o que diriam os bandidos, os caluniadores? Que eu te surpreendera em flagrante com Henriqueta. Ah! Os patifes! Ninguém pode lutar com eles.

HENRIQUETA

– Acho que Ramiro tem razão.

RAMIRO

– Seria engraçado que ma negasses. (*Noutro tom, a Conrado*) E vamos encerrar esta conversa de maneira condigna! Aceitas?

CONRADO

– Como?

RAMIRO

– Com uma partida de xadrez.

CONRADO

– Aceito.

HENRIQUETA

– Vou buscar a caixa. *(E o faz)*

(Acomodam-se, frente a frente, os dois amigos.)

RAMIRO

– E apruma-te, meu caro! Prepara-te para apanhar. Prepara-te para marchar. Duzentos mil-réis cada *match*. Tens dinheiro a rodo. Vou vê-lo de perto.

CONRADO

– Quem sabe?... Quem sabe?... Olha que eu jogo bem este joguinho.

RAMIRO

– Mas desta vez não há manha que te salve. Sinto-me com uma

sorte formidável, uma sorte de...
de... daquilo que só se exprime
bem em calão, sabes? Daquilo...
que me chamou a carta anônima.
Compreendes? Tens que marchar,
meu caro. Tens que marchar!...

*(E ao rumor das pedras que se arrumam, cai o
PANO.)*

SEGUNDO ATO

A mesma sala, substituídos os antigos móveis por outros de maior preço. Instalação completa de gabinete confortável. Ao meio da sala sobre cavalete, uma cópia fantasista, 'à la diable', antes uma impressão, do mármore de Rodin: 'L'homme qui marche'.

Em largo 'fauteuil', de molas voluptuosas, voltado para a porta da direita, cujo reposteiro está semicorrido, Conrado, em 'smoking', procura no seu charuto, o último complemento da sua beleza, enquanto dialoga com Henriqueta que, na sala vizinha, ao piano, fere acordes sem seqüência, mais atenta à conversa do que à música.

Oito e meia horas da noite.

HENRIQUETA

— Estás cochilando, Conrado.

CONRADO

— Engano. Fecho os olhos para te ver melhor. O contrário do lobo, na história do Chapelinho Vermelho.

HENRIQUETA

— Para me ver? Mas parece que neste momento serias amável se me ouvisses.

CONRADO

— Mas é isso precisamente, minha querida. De olhos cerrados ouço-te melhor.

HENRIQUETA

— Já sei. Cada sentido se desenvolve à custa dos outros. Providencial teoria!

CONRADO

— Talvez existam outras mais falsas ainda.

HENRIQUETA

– E menos cômodas. (*Outro tom*)
Conrado!

CONRADO

– Alô! Alô!

HENRIQUETA

– Deixa o fone.

CONRADO

– Queres que fique bem caladinho? É para já.

HENRIQUETA

– Não é isso, terrível celerado. Quero que abandones o fone e me venhas falar... ao ouvido.

CONRADO

– Deus me livre! A digestão está em começo.

HENRIQUETA

– Que tem isso?

CONRADO

– Não sabes? Teu ouvido, quero dizer, tua orelha é um fone perigoso. Dá choques tremendos.

HENRIQUETA

– Oh! Mil graças pelo madrigal. É encantador. Parece de um empregado da Telefônica.

(Henriqueta deixa o piano, surge à porta da D.)

CONRADO

– Então, filha? Um madrigal técnico. Há piores, na calçada do Alvear. E muito menos inocentes.

(Henriqueta está por trás do 'fauteuil' de Conrado. Debruçada sobre este, passa-lhe os braços em volta do pescoço, levanta-lhe o rosto, obrigando-o a fitá-la.)

HENRIQUETA

– Olha-me nos olhos! Bem nos olhos!

CONRADO

– Estou a olhar.

HENRIQUETA

– Que vês?

CONRADO

– Vejo... Vejo... Espera! Ah!
Finalmente! Vejo...

HENRIQUETA

– Quê?

CONRADO (*Misterioso e triunfal*)

– Dois olhos!

HENRIQUETA (*Batendo-lhe na face*)

– Pobre homem!

CONRADO

– Pobre de quê? De dinheiro?

HENRIQUETA

– Oh! Não, senhor milionário.

CONRADO

– Talvez pobre de vista.

HENRIQUETA

– Também não, pois que vês muito bem as coisas visíveis. Tua pobreza é de poesia, e só a poesia nos permite vislumbrar certas maravilhosas coisas invisíveis.

CONRADO

– Exemplo:

HENRIQUETA

– O cadáver de um desejo boiando em meu olhar.

CONRADO

– Safa! Como és lírica! Hás de me ensinar um pouco de tua poesia.

HENRIQUETA

– De bom grado. Mas imponho uma condição: nunca me ensinarás nada de tua prosa.

CONRADO

– Vamos ao caso. Caso fúnebre, aliás. Qual o desejo que te morreu?

HENRIQUETA

– O de te beijar. Era para isso que te chamava. Nunca me viera tão forte essa tentação.

CONRADO

– Não acredito. Terias vindo cá se assim fosse.

HENRIQUETA

– Chegaria da mesma forma com o desejo extinto.

CONRADO

– Por quê?

HENRIQUETA

– É o gabinete de Ramiro. Há muito dele nos livros, nos móveis, no ambiente, em tudo. Tenho aqui

a impressão de sua presença contínua. É alarmante e... congelador. *(Pausa de concentração. Em voz baixa)* Principalmente depois que passou a dormir aqui.

CONRADO

– Com efeito, aqui?

HENRIQUETA

– Sim. Manda que se lhe improvise um leito no divã, todas as noites.

CONRADO

– Qual o motivo? O pretexto?

HENRIQUETA

– Alegou necessidade de trabalhar até tarde, receio de me perturbar o sono... E eu – está claro – concordando logo.

CONRADO *(Com sutil intenção)*

– Então, nada mais?...

HENRIQUETA

– Desde o dia em que chegaste.
Coincidência impressionante...

CONRADO

– Coincidência deliciosa. (*Outro tom*) Naturalmente, uma amantezinha aí, pelo meio...

HENRIQUETA

– Deus o queira. Gostaria de o saber. Ficaria mais tranqüila.

CONRADO

– Passemos adiante. Não sei por que isto. Gosto de teu marido. Gosto, sim, por mais extravagante e incoerente que pareça. É um belo sujeito! Mas – francamente! – como assunto, quando estamos sós os dois, é insuportável.

HENRIQUETA

– Estou de perfeito acordo: não desconversemos. Por que não

foste à sala, quando te chamei,
homem sem polidez?

CONRADO

– Não ficarás magoada, se eu
disser a verdade?

HENRIQUETA

– Claro que não. Faço mesmo
questão dessa tremenda verdade.

CONRADO

– Sê compassiva para a minha
fraqueza! Eu não podia abandonar,
naquele instante, o meu
charuto.

HENRIQUETA

– És o mais apaixonado dos
amantes! Que vulcão! Que chama!

CONRADO

– Perdão para o meu vício!
Lembra-te do nosso acordo!

HENRIQUETA

– Qual? Foram tantos...

CONRADO

– Disseste-me: Deixo-te a liberdade de cultivar todos os vícios, desde que renunciés ao maior dos vícios dos homens: a infidelidade.

HENRIQUETA

– Só dos homens?

CONRADO

– E das mulheres, principalmente.

HENRIQUETA

– Principalmente, é exagero. Das mulheres, também. Graças a Deus!

CONRADO

– Por quê?

HENRIQUETA

– Porque, em caso contrário, eu não estaria aqui tão pertinho de ti.

CONRADO

– É certo, minha querida. Bendigamos a infidelidade. Mas bendigamos igualmente o fumo.

HENRIQUETA

– O fumo?

CONRADO

– Sim. Não fosse ele, e a humanidade já não existiria.

HENRIQUETA

– Já sei: uma “blague”...

CONRADO

– Uma verdade, e das que se demonstram por si mesmas. Ouve. Se não existisse o fumo, se os homens não tivessem o hábito de fumar à sobremesa, todo par de amorosos morreria ao tomar a primeira refeição em comum.

HENRIQUETA

– Ao passo que o fumo...

CONRADO

– Intervém como providencial derivativo.

HENRIQUETA

– De quê?

CONRADO

– Ah! maliciosa, maliciosa...
Derivativo de... de... da atenção.
Safa! De que mais podia ser?

HENRIQUETA

– Já vai longe, infelizmente, o tempo em que poderias correr perigo de morte, se não fumasses perto de mim, após o jantar.

CONRADO

– Mais uma reclamação. Ainda não está cheio o livro?

HENRIQUETA

– Que pensarás de mim quando eu não as fizer mais?

CONRADO

– Que aprendeste a amar sabiamente, calmamente.

HENRIQUETA

– Cuidado, mestre do amor tranqüilo!

CONRADO

– Por quê?

HENRIQUETA

– Quando me vires calma, não te iludas. É que deixei de te querer.

CONRADO

– Tolices que os romancistas ensinam às mulheres.

HENRIQUETA

— É possível. Mas aceita o meu conselho: não te cases.

CONRADO

— O motivo?

HENRIQUETA

— Hás de querer que tua mulher não te importune com os seus excessos de amorosa. E, nesse caso, ela importunará a um outro homem; porque tem fatalmente que importunar a algum, seja qual for.

CONRADO

— És encantadora para o teu sexo. Com que então, todo marido, ou aperreado ou...

HENRIQUETA

— Exatamente. Ou...

CONRADO

– Mas se é assim, Ramiro...

HENRIQUETA

– ...vive num paraíso.

CONRADO

– Mas isto também não é justo. Todas as tuas impertinências desabando sobre mim? E ele? Tranqüilo, feliz...

HENRIQUETA

– Oh! Não fales desse modo. Que cinismo!

CONRADO

– Cinismo, não. Protesto contra a falta de equidade.

HENRIQUETA

– Preferias que tudo, tudo, fosse dividido por igual entre vocês?!

CONRADO

– Não. Não. Tudo não. Só estamos cogitando das tuas birras, das tuas caturrices...

HENRIQUETA

– Tua teoria é boa. Queres só vantagens.

CONRADO

– É muito boa, sim, a minha teoria. É muito honesta, e muito razoável também.

HENRIQUETA

– Honesta?

CONRADO

– Naturalmente. É revoltante que eu me apodere de tudo quanto possuis.

HENRIQUETA

– Então querias deixar para ele...

CONRADO

— ...todas as tuas megerices.

HENRIQUETA

— Que imoralidade! Que des-
plante!

CONRADO

— Não vejo onde. Imoral seria que eu quisesse esbulhar um excelente amigo do direito de ser apouquentado por sua mulher.

HENRIQUETA

— Ah! Basta! Estás insuportável de descaro. (*Outro tom, por entre carficias*) Não quero que fales assim. Acabarias fazendo que eu perdesse a confiança que tenho em ti. Isto é, o resto de confiança.

CONRADO

— Resto? Que fiz eu para ficar reduzido a isso?

HENRIQUETA

— Não me conseguirás nunca iludir. Observo tudo em ti. Peso, examino tuas palavras, teus gestos, tua maneira de estar, até os teus silêncios, até as tuas abstrações. Ah! esta angústia de não poder surpreender tudo o que vai dentro dessa cabeça...

CONRADO

— Da cabeça ou do coração?

HENRIQUETA

— Da cabeça, sim, senhor! O coração está muito desmoralizado, não tem mais cotação alguma. É o teu pensamento que me inquieta, que me interessa.

CONRADO

— Pois a mim ele me deixa inteiramente tranqüilo.

HENRIQUETA

– Pudera! É o teu embusteiro, é o teu espoleta, é o teu cúmplice.

CONRADO

– Tudo isso?! Caramba! Os biólogos o ignoram.

HENRIQUETA

– Zomba à tua vontade. Estás em observação.

CONRADO

– Não me apavores!

HENRIQUETA

– Houve em ti uma grande mudança. Procuras dissimular, mas não o consegues.

CONRADO

– Será como quiseres. Fica certa, porém, de uma coisa: assim tu te martirizas, a ti mesma, ainda mais do que a mim.

HENRIQUETA

– Prefiro este sofrimento que é consciência do perigo, à falsa felicidade que me exporia a perder toda a felicidade verdadeira.

CONRADO

– Preciosa! Preciosa! Cuidado com o ridículo!

HENRIQUETA

– Cuidado com a “blague”, senhor humorista! Esse teu humorismo é mais um sinal. Outrora, eram palavras amorosas, e não palavras engraçadas, que te ocorriam, quando junto de mim.

CONRADO

– Queres-me fúnebre.

HENRIQUETA

– Quisera-te apaixonado.

CONRADO

– Apaixonado indiscreto? E teu marido?

HENRIQUETA

– Oh! O meu marido! Vive tão alheado de mim! Acho muito difícil que ele dê pelo nosso amor. É um homem terrivelmente distraído.

CONRADO (*Um sorriso ambíguo*)

– Ou terrivelmente amável.

(Campainha do telefone.)

CONRADO

– Estás vendo? Falou-se no mau...

HENRIQUETA

– Lembrou-se de que é casado. Raramente lhe acontece isso.

CONRADO

– Queres que atenda?

HENRIQUETA

— Não. Nada de facilidades.
Poderia estranhar que estivesse
aqui tão dono da casa.

CONRADO (*O mesmo sorriso equívoco*)

— Oh! Seria um zelo excessivo.
Nem Othelo...

HENRIQUETA (*Ao telefone*)

— Alô. Alô. Sim. Sou eu, Ramiro.
Que há? Por que não vieste jan-
tar? (*Pausa*) Conrado jantou comi-
go. Ainda está aqui. (*Pausa*) Oh!
Também assim não. Que resol-
veste sobre o teatro? (*Pausa*) Só
irei se vier a capa que escolhi à
tarde. (*Pausa*) Ficaram de a man-
dar antes das 9 horas. (*Pausa*)
Bastará que cheguemos antes de
começar o segundo ato. (*Pausa*)
Está bem. Delibera-se aqui.
(*Pausa*) Até já.

CONRADO

– Propõe teatro?

HENRIQUETA

– Sim, o Lírico. *(Outro tom)* Cada vez o acho mais esquisito.

CONRADO

– Quem?

HENRIQUETA

– Ramiro.

CONRADO

– Que te disse de extraordinário?

HENRIQUETA

– Uma frase talvez sem intenção particular. Mas já estou prevenida. Tudo me parece trazer segundo sentido.

CONRADO

– Dize lá.

HENRIQUETA

– Depois de eu lhe ter perguntado por que não viera jantar, disse-lhe que estavas aqui, que jantaras comigo. Exclamou, então, em tom natural, satisfeito: “Bem. É como se eu tivesse ido”.

CONRADO

– Mas não dizes que o tom era natural?

HENRIQUETA

– Essa naturalidade de tudo o que ele diz ou faz é que me intriga justamente. Sinto nela qualquer coisa que me choca, me inquieta. Não sei o quê. Talvez uma dissimulação, um artifício. Compreendes?

CONRADO

– Não vale a pena estares a matutar. Não penses nisso. Invenções do teu nervosismo. Vê lá se dás em histérica.

HENRIQUETA

– Nada disso eu lhe notava antigamente.

CONRADO

– Mas também, meu amor, em outros tempos nós trazíamos a consciência tranqüila. O remorso causa alucinações.

HENRIQUETA

– Não pilheries. Olha que o meu instinto me vem como que advertindo de um perigo cada vez mais próximo. Dizem que o instinto das mulheres pode mais do que o gênio dos homens.

CONRADO

– Exagero. Não te envaideças por conta dessa opinião que, por ser de toda a gente – um provérbio –, acaba não sendo de ninguém.

HENRIQUETA

— Tudo me surpreende, me causa estranheza em Ramiro. Repara a liberdade que ele nos dá, é excessiva. Nunca imaginei que um marido pudesse proceder assim.

CONRADO

— Nada mais simples: Tem absoluta confiança em nós.

HENRIQUETA

— Não. É demasiada a despreocupação dele conosco. Existe mesmo nele a preocupação contrária. Parece que procura pretextos para nos fazer aparecer sozinhos em público. Chega a ser escandaloso.

CONRADO

— Questão de temperamento...

HENRIQUETA

— Queres saber? Se nós vivêssemos de qualquer modo na tua

dependência, se recebêssemos de ti qualquer favor, qualquer proteção, eu seria capaz de... Que coisa horrível!

CONRADO (*Que começa a observar sua amante*)

– Dize!

HENRIQUETA

– O dizê-lo, por si só, me enche de repugnância, me horripila. Eu talvez acabasse por desconfiar de que ele me convertia em compensação, em retribuição a tais favores.

CONRADO (*Sempre a estudando atentamente*)

– Mas se isto não se dá? Se ele nada me pede? Se nada me deve?

HENRIQUETA

– Graças a Deus. É o que me tranqüiliza em parte.

(Buzina de automóvel, à porta, insistente, prolongada.)

CONRADO

– É ele.

HENRIQUETA

– Vês? Parece que faz soar tanto a buzina para nos prevenir, para nos evitar uma surpresa... Vai reparando bem!

CONRADO

– Qual! Coisas de quem é estabado. Ou preocupações de fazer graça...

(Entra Ramiro pela porta ao fundo, jovial e amável.)

RAMIRO

– Boa-noite. *(A Conrado, cuja mão aberta cordial)* Como passaste do meio-dia para cá. *(À Henriqueta)* Como estás, minha mulher?

HENRIQUETA

– Que é isso? Vocês estiveram juntos na cidade? (*A Conrado*)
Você não mo disse, Conrado.

CONRADO

– É que você não mo perguntou.

RAMIRO (*À mulher*)

– Causou-te algum transtorno ignorar o nosso encontro? Coisa tão banal!!! Excepcional é que passemos um dia sem estarmos juntos, pelo menos alguns momentos. Não é, Conrado?

HENRIQUETA

– Por isso mesmo seria natural que não se guardasse tão grande sigilo...

CONRADO

– Sigilo? É boa. Não houve preocupação de negar o fato. Apenas não veio a propósito falar nele.

RAMIRO

– Mulheres! Mulheres! O despotismo sempre, sempre. Querem controlar tudo.

HENRIQUETA

– Se controlando assim, somos tão enganadas...

RAMIRO

– Controles, minha amiga, não impedem traições. Acredita-me. Talvez até as tornem mais prováveis, aumentando ao pecado a sua maior volúpia: a que lhe vem da sensação do perigo, da inquietação, do alarme...

HENRIQUETA

– Vícios...

RAMIRO

– Humanidade, unicamente...

(Entra a criadita, e fala em voz baixa à Henriqueta.)

HENRIQUETA (*Ao marido*)

— Queres que mande servir o teu jantar?

RAMIRO

— Obrigado. Jantei na cidade.

CONRADO

— Na Brama, já se sabe. Tua velha predileção.

RAMIRO

— Não. Na Rotisserie.

CONRADO

— Bravos! Bravos! Preferes o restaurante do Rio onde não se corre o risco de intoxicação alimentar.

RAMIRO

— Em compensação não há quem passe por lá sem arranjar uma

intoxicação... – como direi –
pecuniária. É de escorchar.

HENRIQUETA (*Ao marido*)

– Sabes? E vais lá?! Prazer, então,
de jogar dinheiro fora?

RAMIRO

– Sacrifícios necessários, minha
filha. Quem quiser ganhar muito
dinheiro numa cidade como esta,
precisa começar por fingir que já o
tem em abundância, em demasia.
Um blefe, quase sempre coroadado
de magnífico êxito. Jogos dessa
espécie ninguém os “vai ver”.

CONRADO (*A Ramiro*)

– Que há de teu semanário?

RAMIRO

– Surgirá dentro de um mês.
Amanhã começarão os preconí-
cios. Vou fazê-los a yankee, espa-
lhafatosos, escandalosos.

CONRADO

— É assim mesmo é que devem ser.

RAMIRO

— Estás comigo, não? Só assim se consegue prender a atenção de todos, empolgar...

CONRADO

— Não digo por isso. É que, em se tratando, como se trata — és tu quem o assegura — da publicação mais escandalosa e escandalizante do Brasil de todas as épocas...

HENRIQUETA

— Bom será que não venham daí muitos desgostos...

RAMIRO

— Se os desgostos não vierem será um desastre.

HENRIQUETA

– Sim? Boa teoria.

RAMIRO

– Conheço a tua maneira de olhar para essas coisas. Desgostos chamarás às vitórias, no domínio do escândalo, de um periódico organizado exclusivamente para o explorar.

CONRADO

– E o teu idealismo?

RAMIRO

– Será assim.

CONRADO

– Às avessas?

RAMIRO

– Estás a encarar essa matéria através dos preconceitos. O idealismo, em si mesmo, nem é bom, nem é mau. Idealismo, em última

análise, é isto, apenas — a capacidade de entusiasmo pode estar a serviço das idéias nobres ou das corruptoras. Existem ideais seráficos, existem ideais diabólicos. Conheço-os todos. Já estive fascinado pelos primeiros, pelos ideais arquiangélicos. Deles só me veio decepção, amargura. Mudei de vida. Mais: mudei de alma.

CONRADO

— Estás inquietante!

RAMIRO

— Pois muito mais agressivo e ameaçador eu era antigamente. A maldade consciente, voluntária, é a única forma de domesticação da fera humana.

CONRADO

— Livra! Antes a fera indomável.

(Tilinta a campainha da entrada.)

HENRIQUETA

– Deve ser o portador da modista.

(Sai pela porta do fundo.)

CONRADO

– E o nome do teu panfleto?
Definitivamente escolhido?

RAMIRO

– Definitivamente: “O homem que
marcha”.

CONRADO

– Uma influência do mármore de
Rodin?

RAMIRO

– Sim. Não posso fugir à sugestão
que ele exerce, desde algum
tempo, sobre meu espírito.

*(Levanta-se maquinalmente, aproxima-se do
cavalete; corrige-lhe a posição; fita demorada-
mente, absortamente, o desenho.)*

RAMIRO (*surpreendendo em Conrado um sorriso malicioso*)

– Por que sorris?

CONRADO

– Uma reflexão que agora me ocorreu.

RAMIRO

– Qual?

CONRADO

– Acho que esse símbolo não se ajusta à publicação projetada por ti – obra de negação e destruição sistemáticas. “O homem que marcha”... Toda uma visão otimista e idealista do mundo da existência, do homem. Essa atitude é um momento de vida ascensional. Resume uma epopéia.

RAMIRO

– Oh! Como estás longe da lógica dessa figura!...

CONRADO

– Como é, então, que a vês? Como a interpretas? Como a compreendes?

RAMIRO

– Sem a isolar do conjunto da obra rodiniana. Ora, essa obra é toda uma ironia, uma charge, uma blasfêmia. Senão, evoquemo-la. Como se representa nela o pensamento? Uma cabeça que conseguiu desprender-se, libertar-se da pedra bruta. Que atitude recorda a que Rodin escolheu para o homem imobilizado pelo vício de pensar? Recorda a mais prosaica, humilhante, sórdida posição humana. Que pretendeu significar assim? Que a idéia – a idéia! – é também uma... uma eliminação. E Victor Hugo – o homem-artístico, o homem-convenção, o homem-ênfase? Lá está nu em pêlo, o pobrezinho, num recanto do Palais Royal. Está no banho. Que

terrível insinuação contra asseio dos poetas! Um eterno banho depois de morto para compensar a falta de banho enquanto vivo...

(Henriqueta entra pela porta ao fundo, trazendo sobre um dos braços o agasalho recém-adquirido.)

HENRIQUETA *(A Ramiro)*

— Vai falar ao caixeiro. A conta é de quinhentos mil-réis...

RAMIRO

— Só? Que alívio! Quando me disseste onde ias comprar, preparei-me para um sacrifício muito maior.

HENRIQUETA

— Pois não percas, já agora, essa boa disposição. Entrega-me a diferença!

RAMIRO

— Pois sim! Pois sim!

HENRIQUETA

— Não acha razoável, Conrado?

CONRADO

— Razoabilíssimo.

(Henriqueta sai pela porta da D. Ramiro abre e fecha sucessivamente gavetas de sua mesa, como quem procura alguma coisa que não tem absoluta certeza de haver guardado.)

RAMIRO

— E esta!? Tinha uma vaga lembrança de ter aqui um resto de dinheiro. É esquisito.

CONRADO

— Mas não dizes que a lembrança era vaga?

RAMIRO

– Sim. Mas essas lembranças vagas freqüentemente são confirmadas pelos fatos.

(Entra a criadita pela porta dos fundos e entrega a conta a Ramiro.)

A CRIADITA

– O caixeiro pede ao patrão que o despache logo. Tem outras entregas a fazer.

RAMIRO

– Dize-lhe que espere.

(A Criadita sai.)

RAMIRO

– Tens aí, por acaso, essa importância.

CONRADO

– Tenho. Podes dispor dela. Mas...

RAMIRO

– Que é?

CONRADO

– É o cheque que te dei pela manhã?

RAMIRO

– Recebi os dez contos. Era, porém, quanto eu tinha de pagar hoje ao sujeito com quem contratei as instalações do nosso semanário.

CONRADO (*Entregando-lhe, sem discussão, uma cédula*)

– Aí tens.

(Ramiro recebe-a, faz soar o tímpano. A criada entra, recebe o dinheiro e retira-se.)

CONRADO

– Mas não concluíste a tua interpretação do mármore.

RAMIRO

— Pouco falta. Esse homem tem de ser estudado em sua fatal correspondência com o resto da obra de Rodin, toda profundamente pessimista e dolorosa. Medita bem. Olha-o. Estuda o que existe de novo, de singular, de aberrante nesta composição. Nem cabeça, nem braços. Ora, da cabeça e dos braços vêm para quem caminha, respectivamente, a orientação e o equilíbrio. Sem cabeça, este homem não pode escolher o seu rumo. Projeta-se decididamente no desconhecido. A segurança de seus passos nasce da ignorância em que ele está, de seu destino. E, sem braços, ele perde aquela aparência alada que espiritualiza a marcha, é certo, mas fá-la sempre um tanto hesitante. A marcha desse homem é a marcha essencial, a marcha integral, a marcha pura.

CONRADO

– E daí? Que relação queres que se encontre entre essa figura mutilada e o teu semanário?

RAMIRO

– Toda. Meu panfleto nunca evocará o homem normal, normalmente marchando, – alegoria feliz e triunfal de uma humanidade sadia intrépida, com a perfeita consciência do que deseja. Não. Será, integralmente, o caminhante de Rodin – um resto de homem, sem idéias e sem gestos, esbulhado de tudo quanto poderia perpetuar nele a semelhança com os deuses. Sua marcha é uma submissão incondicional à Fatalidade. A mais dolorosa e triste das renúncias...

CONRADO

– Mas então o teu semanário não será *(Com solenidade e ênfase,*

meio sério, meio risonho) "O homem que marcha"?

RAMIRO

– Não. Será. *(Com expressão sombria, torturada, de um como esmagamento moral)* "O homem que marcha".

CONRADO

– Coisa trágica!

RAMIRO

– Questão de ponto de vista. Acho-a hilariante.

(Faz soar o tímpano, e à criadita que logo acorreu pela porta do fundo.)

RAMIRO

– Pergunta à senhora se vamos sempre ao teatro.

(Sai a criadita pela porta da D.)

CONRADO

– E acreditas que a sociedade leviana de nosso tempo se interesse por uma publicação em harmonia com o simbolismo melancólico de seu título?

RAMIRO

– Nem acredito nem deixo de acreditar. São-me indiferentes os efeitos.

CONRADO

– Mas essa publicação não é somente uma atitude de filósofo. É, tem de ser, forçosamente, uma iniciativa de industrial.

RAMIRO

– Sim, não pode deixar de o ser.

CONRADO

– E não sabes que seu futuro como panfleto influirá em seu

futuro como empresa, e vice-versa?

RAMIRO

– Sei.

CONRADO

– E então? Mesmo que te não inquiete a perspectiva de sacrificar todo o capital de que estás a dispor, tens de refletir no perigo que corres de só desfrutar esse veículo das tuas extravagâncias mentais, durante muito pouco tempo.

RAMIRO

– Também o sei. Mas essa perspectiva não me perturba.

CONRADO

– Abusas do paradoxo. Olha que os paradoxos são bons para se dizerem, não para se viverem. E tens a ousadia de os querer viver.

RAMIRO

– Não vai nisso a sombra sequer de um paradoxo. É que não sendo grande a minha reserva de entusiasmo para essa aventura de jornalista, prefiro que ela seja interrompida pela intervenção judicial, pela penhora, pelo leilão, um remate calmo de tragédia burguesa –, antes de perder tudo quanto presentemente me seduz nela, isto é, antes de se converter de loucura sublime que é hoje, em formidável estopada.

(Entra a criadita pela porta da D.)

A CRIADITA

– A senhora manda dizer que está quase pronta, e lembra ao senhor que mande comprar logo as entradas.

RAMIRO

– Bem lembrado. Não achas, Conrado?

CONRADO

– Bem lembrado, sim.

RAMIRO (*À criada*)

– Que é do chofer?

A CRIADITA

– Estava acabando de jantar.

RAMIRO

– Dize-lhe que me venha falar, logo que termine.

(Sai a criada pela porta do fundo. Ramiro corre os bolsos do colete. Tira da algibeira interior do 'veston' uma carteira. Examina-a. Vai, depois, à mesa. Novamente abre as gavetas, e impacientemente as revolve.)

RAMIRO (*Entre enervado e desalentado*)

– Sim, senhor!...

CONRADO

– Que foi?

RAMIRO

– Não há meio de encontrar uma cédula de cem mil-réis que deixei aqui.

CONRADO

– Foi mesmo aqui que a deixaste?

RAMIRO

– Tenho idéia.

CONRADO

– Olha, que também há pouco...

RAMIRO

– Ah! Mas é muito diferente. Dos quinhentos mil-réis eu tinha uma idéia vaga. Ao passo que dos cem tenho idéia bem precisa.

CONRADO (*Com um imperceptível sorriso*)
– Bem precisa é essa importância
agora.

RAMIRO
– Pêsames pelo estúpido trocadi-
lho.

CONRADO
– Trocadilho não sei se é, mas sei
que é verdade. Não havemos de
sacrificar, por isso, o desejo de ir
ao teatro. Se me permites, posso
emprestar-te esse dinheiro.

RAMIRO
– É claro que permito. (*Recebe de
Conrado a cédula*) Tomarás nota.

CONRADO
– Da nota? Está tomada.

RAMIRO
– Outro? É demais! Se eu não te
devesse essa quantia, romperia
contigo.

CONRADO

– Somente essa?

RAMIRO

– E outras. Que demônio! Não é delicado que as recordes.

(Entra o chofer pela porta do fundo.)

RAMIRO

– Vai ao Lírico arranja-nos uma boa frisa. Mas não a procures no guichê. Faze negócio com um cambista, embora pagues uns dez mil-réis a mais. E o que sobrar, guarda-o para uma cerveja.

O CHOFER *(Recebendo a cédula)*

– Sim, meu senhor. Muito obrigado ao senhor doutor.

(Sai.)

RAMIRO

– Coisa curiosa: toda vez que gratifico a esse rapaz ele descobre que sou doutor.

CONRADO

– Não conhece, então, o calão da nossa época. É idiota.

RAMIRO

– Como assim?

CONRADO

– Chama-te doutor justamente quando lhe provas que és coronel.

RAMIRO

– Boa piada! Estás feliz hoje. Parece que emprestar dinheiro te deixa de bom humor. Gosto de verificá-lo. Serei mais amável contigo, doravante.

CONRADO

— Mas não abuses dessa amabilidade! Há ocasiões em que prefiro continuar de mau humor.

(Entra Henriqueta pela porta da D., com traje de 'soirée' e, sobre este, a capa recentemente adquirida.)

HENRIQUETA

— Pronto! Parece que não demorei muito.

RAMIRO

— Bravo! Vais estrear o teu novo agasalho. É um agasalho honesto.

HENRIQUETA

— Como honesto?

RAMIRO

— Vale os quinhentos mil-réis que custou.

HENRIQUETA

– Não é preciso que toda a gente
lhe saiba o preço.

RAMIRO

– Por que falas assim? Por causa
de Conrado? Entre nós não há
constrangimentos ridículos.

HENRIQUETA

– Sim. Mas não é de um gentle-
man divulgar preços do que usa.

RAMIRO

– Tens razão. Tens sempre razão.
Chegas a ser irritante com isso.
(*Outro tom, a Conrado*) Gostas? Vê
bem! Dá o teu parecer.

HENRIQUETA (*Facilitando a Conrado uma
apreciação melhor do agasalho*)

– Conrado é árbitro de elegância.
Tenho receio de que descubra
defeitos que nos escapam.

CONRADO

— Árbitro de elegância feminina?
Não é lisonjeiro esse atributo.
Equivale ao qualificativo de “al-
mofadinha”.

RAMIRO

— Observa bem, Conrado! E fala
com sinceridade! Agrada-te, mes-
mo, essa capa? Poderíamos, ain-
da, devolvê-la, trocá-la.

CONRADO

— Acho-a magnífica.

RAMIRO

— Não te constranjas! Franqueza?

CONRADO

— Franqueza.

HENRIQUETA (*A Ramiro*)

— É tu? Não fazes outra toilette?

RAMIRO

— Não. Apenas melhorarei esta.
Fiquem a conversar. Volto já.

(Sai. Henriqueta senta-se no mesmo sofá em que está Conrado, no primeiro plano.)

HENRIQUETA

— Cada vez mais extravagante,
este meu marido!

CONRADO

— Por quê?

HENRIQUETA

— Quer que tu influas em minha
maneira de vestir.

CONRADO

— Excesso de amizade. É um
grande coração.

HENRIQUETA

— Mas exagera. Torna-se ridículo.
É a nós também.

CONRADO

– É um original.

HENRIQUETA

– E que me dizes sobre aquele
nosso assunto de dias atrás?
Conseguiste apurar alguma coisa?

CONRADO

– Nada.

HENRIQUETA

– É um mistério. Tenho feito tudo
para que me revele a pessoa que
lhe está adiantando dinheiro. Mas
é em vão. Responde sempre de
um modo vago. Diz ser um velho
amigo de sua família que não co-
nheço. Peço nome, qualidades,
moradia. Responde-me com eva-
sivas. E continuo como antes.

CONRADO

– Se o não consegues, já se vê que
ninguém o conseguirá.

HENRIQUETA

– Acho que ninguém melhor do que tu...

CONRADO

– Eu? Mas se ele não o diz à sua mulher, achas que será mais expansivo com um amigo?

(De súbito, Ramiro, que trocou o 'veston' por um casaco de interior, entra pela porta da D. Henriqueta que insensivelmente se aproximara demais de Conrado, dele se afasta, num sobresalto.)

RAMIRO *(Em tom distraído, inconsciente, monstruosamente ingênuo)*

– Desculpem!

(Encaminha-se para a mesa, e inicia a procura febril, impaciente de alguma coisa.)

HENRIQUETA *(Que conseguiu dissimular sua emoção)*

– Que procuras?

RAMIRO

– Um papel de importância que tenho de entregar agora ao meu comendatário.

HENRIQUETA

– E tens a certeza de o ter deixado aí?

RAMIRO

– É pelo menos provável que o tenha guardado aqui. Mas esta mesa está a tornar-se diabólica. Tudo que guardo nela desaparece. Ainda há pouco...

(E interrompe-se, distraído por uma pesquisa mais minuciosa.)

HENRIQUETA

– Queres que te ajude?

RAMIRO

– Não. Vocês mulheres não podem lidar com papéis. Têm a mania de

arrumá-los. E papéis arrumados são papéis desaparecidos, já se sabe.

CONRADO (*Após uma consulta ao relógio*)

— Repara que já se vai fazendo tarde. Perderemos o melhor do espetáculo.

RAMIRO

— Mas vocês podiam partir logo. Mesmo porque eu teria de ir antes à procura do tal sujeito para lhe entregar esse endemoniado documento que estou a procurar.

HENRIQUETA

— Isso não! Ainda não sou viúva. E não estou disposta, como mulher casada, a perder minha reputação.

RAMIRO

— É a eterna mania da preocupação com o que diz de nós a sociedade. Não tens uma consciên-

cia? Não está ela tranqüila? Que te importam todas as torpezas porventura assoalhadas contra ti em roda de gente sem a menor imputabilidade, pelo fato de apareceres em público ao lado de um verdadeiro irmão como Conrado.

HENRIQUETA

— A tua filosofia já é muito sabida. Pobre de mim, se me deixasse guiar por ela. Seria dessas criaturas que vão a todos os salões, mesmo os mais recatados, mas vivem apontadas por toda a gente. Dessas que têm seus nomes ligados a todas as crônicas escandalosas.

RAMIRO

— Pois eu não renuncio ao meu ponto de vista. Quem é que repara mais nos meus atos? Os crápulas mais famosos. Pois reparem à vontade. Pois falem à vontade.

Pois caluniem à vontade. Sabes o que sucederá afinal? À força de me desacreditarem, acabarão por se convencer de que sou também crápula, isto é, colega deles, e, com seu admirável espírito de classe, de classe unida, passarão a poupar-me, acabarão por se esquecer de mim.

CONRADO

— Tua lógica é engenhosa, lá isso é. Mas prefiro a de tua mulher. É mais conservadora, menos imprudente.

RAMIRO

— Qual nada! Parece que concordes para que Henriqueta se apegue mais a esses preconceitos, a esses temores, que nos diminuem, nos humilham. De nós dois, és tu quem tem o ar idiota de marido assombrado pela idéia de que lhe escamoteiem a mulher. Pois ouve isto, e edifica-te.

CONRADO

– Edifica-me. Não desejo outra coisa.

RAMIRO

– Ouçam os dois que têm medo da língua do povo – o mais grotesco e inofensivo de todos espantalhos. Há tempos, um barbeiro, que a ti também te conhece de nome e de vista, Conrado, disse-me, com ar de veneração e malícia misturadas: “O senhor doutor, com perdão da palavra, é um grande pirata!” Pedi-lhe o fundamento de uma admiração tão profunda. E ele! “Já vi o senhor doutor mais de uma vez com a mulher do Conrado, aquele rapaz muito rico. Uma conquista de alto lá com ela... Garanto que aquela não é das que pedem dinheiro aos seus amiguinhos. Dá-lho a rodo! E pode ainda fazer uns agradinhos...”

HENRIQUETA

– Que infâmia! E deixaste-o continuar?

CONRADO

– Mas tua história prova contra a tua teoria. Se esse homem não tivesse visto tua mulher em minha companhia, estando tu ausente, não a suporia minha esposa.

RAMIRO

– Sim, mas não indagou qual seria, de nós, o marido, qual o amante. Pensou que tu, com tanto dinheiro, só podias ser o marido. E – zás – firmou suas convicções sobre o caso. Assim, tudo o mais. A opinião pública é isso – misto de leviandade, de incoerência e de torpeza.

HENRIQUETA

– Assombra-me a calma com que analisas um fato dessa ordem.

RAMIRO

— Mas nada existe nele de desagradável para nós. O Fígaro te supôs minha amante. Tu és mais do que isso: és minha mulher. Essa história é duma encantadora amabilidade para nós ambos. Acho-o eu, pelo menos. Se é deprimente para alguém, é aqui para o amigo Conrado.

(Buzina de automóvel.)

CONRADO

— Aí vem o chofer com o ingresso.
(A Ramiro) Apronta-se logo!

RAMIRO

— E o raio do documento? Tenho de o achar.

HENRIQUETA

— Quem sabe se o não deixaste em outro lugar? Na gaveta de

algum móvel da alcova? Na algi-
beira de outro casaco?

RAMIRO

— Lembras bem. Vou verificar.

(Entra o chofer pela porta do fundo e entrega o bilhete a Ramiro, que o recebe com indiferença, e atira sobre a mesa. O chofer retira-se pela porta do fundo.)

RAMIRO

— Venho já!

(E sai pela porta da D.)

HENRIQUETA

— Mas, voltando à nossa conversa: Afirmas que Ramiro nada te diz sobre os seus negócios, nunca te conta como arranja capital para a sua empresa, dinheiro para tantos gastos...

CONRADO

– É a verdade.

HENRIQUETA

– Mas tu poderias saber, mesmo que ele não to dissesse.

CONRADO

– Como?

HENRIQUETA

– Investigando. Pesquisando. Um pouco de sherlockismo resolveria a dificuldade.

CONRADO

– Queres que espione teu marido?

HENRIQUETA

– Parece que não é crime hediondo.

CONRADO

– Espioná-lo eu, a ele que, tendo o direito de me espionar, nunca o fez?!...

HENRIQUETA

– Ao contrário.

CONRADO

– Dizes bem: ao contrário. Ah! isso não! Seria levar muito longe a inversão da ordem natural. O marido seguido pelo amante?! Oh! deixa-me rir. Seria demasiado.

HENRIQUETA

– Paciência! Preferes que eu continue nesta angústia de ver em torno de mim uma abundância cuja origem ignoro, um esbanjar de dinheiro que não sei donde vem, como vem. É horrível! Faço conjecturas de toda sorte. Perco-me entre suposições, sem atinar com o rumo dessa verdade que receio bem seja uma vergonha.

CONRADO

– Não desconfias, sequer, do que se dá?

HENRIQUETA

– Não desconfio de nada! Vivo como que emparedada. Percebo apenas os gastos que se fazem: instalação luxuosa da revista, automóvel à porta com iniciais e com chofer de libré, todos os indícios de uma opulência que continua para mim indecifrável.

CONRADO (*Fitando-a bem nos olhos, terno mas inquisitorial*)

– Nada, então, conseguiste saber?

HENRIQUETA

– Nada. Por que mo perguntas assim?

CONRADO

– Não tens a menor suspeita do modo por que Ramiro obtém as somas que desperdiça?

HENRIQUETA

— Não, juro-te. E por que o perguntas nesse tom? Estou assustada.

CONRADO

— Porque receio que Ramiro não esteja a fazer coisas... — como direi? — bem claras, bem... razoáveis. E gosto de saber que estás bem alheia a tudo isso.

HENRIQUETA

— Inteiramente, meu amor. E daí minha aflição. Soubesse o que é, e fosse o que fosse, eu teria, pelo menos, uma tranqüilidade: a da degradação consciente.

(Ouve-se à porta da D. a tosse de Ramiro — tosse violenta demais para ser natural, insistente, estranha. Dir-se-ia que deseja anunciar sua entrada. Henriqueta e Conrado interrompem-se.)

HENRIQUETA

— Que foi? Estás resfriado?

RAMIRO

— Engasguei-me. Deglutição de saliva. Caiu no goto, como se diz. E às vezes se emprega a expressão “cair no goto” no sentido de agradar, causar prazer. Que coisa estúpida! É desagradabilíssimo.

HENRIQUETA

— Mas afinal? Não acabas de te vestir? A que horas se vai, então?

RAMIRO

— Continuo à procura do maldito papel. Não o achei lá. Deve estar aqui mesmo, na mesa ou nalguma papeleira.

CONRADO

— Não podes deixar para amanhã a entrega dele?

RAMIRO

— Poder, podia. Mas isto já me irritou. Não tenho disposição para

ir a teatro. Vão vocês dois, se
querem.

HENRIQUETA

– Neste caso não vai ninguém.
Não é, Conrado?

CONRADO

– Neste caso, parto para os
penates.

RAMIRO

– Diretamente?

CONRADO

– Diretamente.

RAMIRO

– És um moço de virtude. Diabo é
se a verdade que deve estar no
fundo dele, se lembra um dia de
vir à borda, com a clássica indis-
crição das verdades... Nuazinha
como um bebê, que acaba de
nascer.

CONRADO

– É uma verdade virtuosa também. Asseguro-te. *(Como quem de súbito recorda um fato)* E esta?!

HENRIQUETA

– Que foi?

CONRADO *(A Ramiro)*

– Vais troçar de mim. À tarde tive de emprestar a um amigo todo o dinheiro que trazia.

RAMIRO

– Podes ir no meu automóvel.

CONRADO

– Sim. Mas teria de sacrificar o meu regime: o chocolate antes de recolher.

RAMIRO

– Não seja essa a dúvida. Para o teu chocolate, ó desprevenido milionário, posso eu arranjar. E

faço-o com todo o prazer, para te humilhar, sabes? Além de que te provo que tua onipotência é limitada.

CONRADO

– Pilheria à vontade. Estou à tua mercê.

RAMIRO (*Passando-lhe a cédula*)

– Aqui tens. São dez mil-réis. Penso que bastarão.

CONRADO

– Claro que bastam.

(Despede-se.)

RAMIRO

– Fazes bem em não sacrificar o teu chocolatezinho. É fosfato. É talento. É amor. Um homem como tu não deve andar sem uma provisózinha de fosfato. (*Outro tom*) E vê lá se me fazes amanhã o

desaforo de querer restituir essa
ridícula importância.

CONRADO

– Com certeza hei de querer. As
boas contas...

RAMIRO

– Vê lá! Eu brigaria contigo.

HENRIQUETA

– Talvez Conrado seja das pessoas
que não se conformam com o re-
ceber presentes de dinheiro.

RAMIRO

– Pois que dê o meu a qualquer
mendigo amanhã. (*Outro tom*) Dá
tuas ordens ao chofer.

*(Conrado já está no jardim. Henriqueta chega-
se à janela da E., primeiro plano.)*

RAMIRO (*Para fora, a Conrado*)

— Mas não te acostumes! Dinheiro emprestado, automóvel à disposição... Não te habitues, hein! Acabarias um mordedor, um filante de primeira classe...

(E ri deliciado, inconsciente, enquanto desce o PANO.)

TERCEIRO ATO

Mesma cena. Às 7 horas da noite.

(Cena vazia. Retine a campainha do telefone, sobre a mesa de trabalho de Ramiro. É a criada quem acode, solícita, pela porta do fundo.)

A CRIADITA *(Ao telefone)*

– Pronto. *(Pausa pequena)* Sim, senhor. *(Pausa maior)* Está, sim senhor. *(Pausa)* Sim, senhor. Vou já chamá-la. Com licença.

(Deixa o fone sobre a mesa e sai pela porta da D. Pouco depois entra Henriqueta pela porta da D., e vai ao telefone.)

HENRIQUETA

– Alô! Alô! Henriqueta. Que queres? *(Pausa)* Não o vejo há uma semana, seguramente. Por que? *(Pausa)* Enlouqueceste? Que quer isso dizer? *(Pausa)* Mas não

pode haver uma razão para tão grande absurdo. *(Pausa)* Não podes dizer em poucas palavras de que se trata? *(Pausa longa)* Isso não. Sem saber o que se deu, não praticarei essa grosseria. *(Pausa)* Bem, contarás tudo quando chegares. Mas se ele vier, não me recusarei a recebê-lo. Mesmo porque saberei assim mais depressa do que aconteceu. *(Pausa)* Fizeste isso?! É o cúmulo do absurdo. *(Pausa)* Se achas que não virá, é inútil a recomendação que me fazes. *(Pausa)* Por favor, não demores. *(Pausa)* Sim, porém há de convir em que é uma estupidez deixares-me neste alarme. Estou a imaginar as coisas mais extravagantes. *(Pausa)* Pois bem. Até já.

(Deixa o fone, profundamente alarmada. Anda à toa pelo gabinete, procurando iludir a própria ansiedade. Senta-se. Logo, porém, se levanta, numa inquietação crescente. Vai à janela, abre-a,

respira profundamente como quem traz o coração desmandado em ritmos anormais. Uma exclamação, de súbito, em que se misturam ânsia, surpresa, alegria.)

HENRIQUETA (*Para fora*)

— Podes entrar. Ainda bem.

(E corre a abrir a porta à E. que dá para o jardim. Entra Conrado, sob o domínio de uma apreensão e nenhuma tristeza indisfarçáveis. Sua perturbação é tal que não saúda à Henriqueta.)

CONRADO

— Minha presença, neste momento, aqui, é, ao mesmo tempo, uma audácia e uma vilania.

HENRIQUETA

— Por que, grande Deus?

CONRADO

— Porque recebi há instantes, de Ramiro, uma carta cheia de insul-

tos. E nas entrelinhas dessa carta teu marido me proíbe a entrada em sua casa.

HENRIQUETA

– Já o sabia.

CONRADO

– De que modo?

HENRIQUETA

– Foi ele mesmo que me contou isso, pelo telefone, recomendando-me que não te recebesse, caso viesses agora. Aliás, ele o achava pouco provável. Podes bem imaginar a angústia em que essa notícia me deixou. Acabo de viver os piores minutos de toda a minha existência. Pensei enlouquecer. E aqui me tens, abatida, demolida, a suplicar-te, pelo nosso amor extinto, pelo teu amor extinto. (*Irrrompe-lhe o pranto irreprimível...*)

CONRADO

– Não digas isso!

HENRIQUETA

– Por que não dizê-lo? És igual a todos os homens. Agora, finalmente, o percebo, o descubro. Tens horror às palavras, embora não o tenhas aos atos que as palavras exprimem. Deixa-me concluir: pelo grande amor que nos uniu, conta-me tudo. Mas não sejas covarde diante da realidade. É essa realidade que eu quero, que eu exijo, que tens a obrigação de não me recusar. E – queres saber? – diz-me o coração que à desgraça de hoje se prende a maior desventura que me podia assaltar na vida: ver desaparecer, pouco a pouco, devagar, é certo, mas sensivelmente, todo o bem que antigamente me querias...

CONRADO

– Henriqueta, minha filha!
Acalma-te!

HENRIQUETA

– Não penses que vou perder a cabeça. Meu último pudor será receber de pé, corajosamente, todos os golpes. O que mais me magoou veio de ti, e desferido com tanta habilidade que só me apercebi da ferida quando já me fugia por ela toda a satisfação de viver a própria vida toda...

CONRADO

– Henriqueta! Se soubesses...

HENRIQUETA

– Que sofres também? Acredito. Não és dessas criaturas que, para se libertarem totalmente de um amor, tratam de o amortilhar em ódio. Ainda não me detestas, e é isto que te faz sofrer. O amor que

te enchia o coração de uma espécie de vinho generoso deixou dentro dele uma borra – a piedade. (*Sorriso triste por entre lágrimas que correm mais abundantes*) Vês? Esqueceste tudo. Ao encontrares minha dor tão palavrosa, não falas como em outros tempos, quando eu trazia para os nossos diálogos a linguagem dos romances. “Preciosa! Cuidado com o ridículo”. És outro homem. Não te conheço. Tenho até medo de ti. (*Outro tom*) Uma semana sem me vir ver. Que coisa hedionda!

CONRADO

– Permite que fale. Tenho muito que te dizer. Mas não chores. Tiras-me a coragem.

HENRIQUETA

– Nem sei mais o que prefiro. É melhor que não fales. Não quero que mintas. O amor que sentiste

por mim, não te pertence mais. É meu, é o meu único tesouro. Não consinto que o enxovalhes com as tuas mentiras, com as mentiras que a tua compaixão te vai sugerir. Sou uma pobre criatura ignorante, mas o senso comum me faz compreender a morte do teu amor. É um fato natural, tão natural quanto foi o seu nascimento. Tinha de acabar. Acabou.

CONRADO

– Henriqueta, minha querida! Precisamos conversar calmamente, e teu marido não deve tardar.

HENRIQUETA

– Que me importa? Nunca o odiei tanto. Pensas que não sou capaz de observar certas coisas? Lembra-te da irritação que ele me causava, quando eu lhe percebia a preocupação de nos dar inteira liberdade. Compreendi que teu

amor não resistiria à abjeção em que Ramiro nos colocou. Parecia um sogro – não: uma sogra – a olhar-nos, enlevada, embevecida na contemplação do nosso idílio. Tanta tranqüilidade não podia deixar de nos fazer, de me fazer um grande mal. Pouco a pouco, passaste a ver em mim, não mais a amante, mas uma espécie de esposa. Veio a monotonia, o tédio. Tiveste a nostalgia da aventura, do pecado. Isto é, de um pecado menos tranqüilo.

CONRADO

– Em todo caso é bom que fales assim. Fico à vontade para te narrar outras coisas, ainda mais dolorosas, mais aviltantes. Sei que as desconheces inteiramente. Mas tive, por muito tempo, cruéis dúvidas a esse respeito. E, apesar de tua visível inocência de tudo, não pude evitar que elas exer-

cessem terrível influência no meu espírito.

HENRIQUETA

– Ah! confessas, enfim!

CONRADO

– Quando foi que te dissimulei qualquer verdade?

HENRIQUETA

– Conta-me tudo! Estou preparada para todas as formas de sofrimento. *(Pausa. Desolação profunda.)* Fui muito feliz. Provocadoramente. Tenho um grande tributo a pagar.

CONRADO

– Quero de ti, primeiro, uma promessa.

HENRIQUETA

– Qual?

CONRADO

– De que me perdoarás, de todo o coração, a humilhação horrível que te vou infligir contra a minha vontade.

HENRIQUETA

– Mais aumentas a minha aflição, aumentas a minha ansiedade. De tudo, de todos os males que me venham de ti, eu te perdôo por uma vez, definitivamente. Estás me fazendo sofrer. E, no entanto, eu já começo a sentir, por antecipação, a saudade que virei a ter das agonias, destas agonias a que não és inteiramente alheio.

CONRADO

– Faço-te, ainda, outro pedido. Permite que eu resuma o que tenho a te revelar. Para quê pormenores? Trata-se de uma série de fatos que têm todos a mesma significação. Basta que te refira um.

HENRIQUETA

– Como quiseres.

CONRADO

– Tu te recordas certamente das preocupações que me confiavas acerca da origem dos recursos de que teu marido vinha lançando mão, de há muito. Organizou vida nova, de conforto, de quase luxo. E a montagem da sua revista? Fê-la com grandes requintes de comodidade, com gastos evitáveis, supérfluos.

HENRIQUETA

– Lembro-me, como não? Sempre me causou o dinheiro de que ele dispunha, uma inquietação terrível. E já estou a adivinhar o que verificaste. Ramiro está envolvido em transações vergonhosas. Tive sempre o pressentimento de que seria assim.

CONRADO

— Atende! Não se trata precisamente de crimes, de atos desonestos, quero dizer: trivialmente desonestos. O caso é outro.

HENRIQUETA

— Pior, talvez?

CONRADO

— Não me compete essa apreciação.

HENRIQUETA

— Não compreendo. É preferível que me contes tudo sem rodeios.

CONRADO

— É preferível, em verdade. Mas, infelizmente, vais saber porque me constrange tanto ser a pessoa de quem obténs, afinal, a chave desse mistério. A abundância de recursos em que Ramiro tem vivido, nestes últimos tempos, é o

resultado do plano de extorsão contínua, sistemática, de dia para dia mais cínica, por ele organizado contra...

HENRIQUETA

– Contra quem?

CONRADO

– Contra mim.

HENRIQUETA (*No auge da surpresa dolorosa*)

– Oh! Oh! Oh!

(E não tem palavras, não tem lágrimas, não tem indignações. Instintivamente cobriu o rosto com as mãos, refugiou-se ao canto do sofá, como quem procura, diminuindo-se, fazer diminuir sua vergonha, seu opróbrio.

Conrado, de pé, contempla-a, tomado de infinita piedade, sem encontrar um monossílabo que não seja indigno daquela dor.

Lenta, uma reação se opera em Henriqueta, e a faz soluçar mansamente. E outra reação vem a seguir, depois do alívio das lágrimas. Sua energia recompõe-se. Seu instinto de combatividade se restaura.)

HENRIQUETA

— É justo que me poupes a vergonha de ouvir a descrição minuciosa dessa torpeza. Só me interessa conhecer a cifra a que se elevam os teus prejuízos.

CONRADO

— Não vejo como e em que isso te possa interessar.

HENRIQUETA

— Em tudo e por tudo. Obrigarei Ramiro a trabalhar com o objetivo único de resgatar essa dívida. Trabalharei eu também. Trabalharei sozinha, em último caso. Tenho consciência perfeita da degradação a que desci sem o saber.

Essa dívida não é somente de honra para nós. É a dívida de minha honra; compreendes...

CONRADO

— Continuarias na ignorância desses fatos se não se desse hoje, entre mim e teu marido, o choque de cujo resultado ele mesmo avisou — a ruptura completa e definitiva de nossas relações.

HENRIQUETA

— O resultado, já o conheço. E a causa?

CONRADO

— O pedido de uma vultosa quantia, de que me era impossível dispor neste momento. Expliquei-lhe, muito cortesmente, o que ocorria. A recusa irritou-o tanto que nem sequer lhe examinou os motivos. Escreveu-me laconicamente, dizendo que era de seu

costume dispensar todas as amizades inúteis.

HENRIQUETA

– E sobre as dívidas anteriores...

CONRADO

– Nada me disse.

HENRIQUETA

– Que vergonha! Tens documentos dos empréstimos?

CONRADO

– Nunca se prontificou a fornecermos. Por natural constrangimento, nunca lhos pedi.

HENRIQUETA

– Uma *escroquerie*, simplesmente. Menos do que isso. A palavra francesa ainda envolve não sei que distinção. “Conto-de-vigário” é que foi. E reles. Que nojo, meu Deus! E não só dele: de mim mesma, que aceitei

um conforto, um luxo custeado dessa maneira. Que desprezo deves ter no íntimo por mim! E como eu estava iludida: supunha que tinhas para comigo uma dívida das que ninguém pode liquidar – a oferta de todo o meu ser, oferta espontânea, generosa, absoluta. E, na realidade, eu não fazia – pobre de mim! – senão entregar-te aquilo que te haviam impingido por um preço exorbitante, preço de mercador sem escrúpulos... Que horror!

CONRADO

– Não consinto que fales assim. Sei que ignoravas tudo...

HENRIQUETA

– Nunca possuirás uma convicção profunda, inabalável, dessa minha ignorância. Sempre tiveste uma pequenina suspeita de minha cumplicidade, e foi essa descon-

fiança que destruiu, pouco a pouco, teu amor. Compreendo agora, somente agora, certas expressões tuas, certas atitudes, certos retratamentos. Não conseguiste dissimular inteiramente os teus temores íntimos. E assim será no futuro. Sempre. Oh!, não. É preferível que te afastes por uma vez.

CONRADO

— Achas possível que subsista em mim alguma dúvida, quando te vejo sofrer dessa maneira?

HENRIQUETA

— Sim. Tu te comoves agora. Estás crente de que fui a vítima de uma fatalidade, tão-somente. Mas a lembrança do que estás vendo, do que estás ouvindo, com o tempo se dissipará. E renascerá a velha incerteza; E ela? Sabia ou não sabia?

CONRADO

— Exageras. És exageradamente pessimista. O que vai renascer é a grande confiança de outrora, é o nosso amor.

HENRIQUETA

— É nobre o que fazes. Procuras iludir-me. Tratas-me como se eu fosse uma criança. Método excelente. A dor é sempre uma infância. Mas perdes o teu esforço. Vejo tudo com uma lucidez que não me permite ilusões de espécie alguma. Eu te perdi por uma vez. E, no entanto, sabe Deus o que fiz para não te perder. Só uma vez Ramiro me falou na idéia que tinha de te pedir auxílio. E logo me veio uma visão clara do que podia acontecer: isso precisamente, que aconteceu, isso que aí está, a separar-nos para sempre. Pedi, implorei, exigi que nunca te solicitasse o menor favor. Defendi

como pude, contra aquela ameaça, o nosso amor. Mas foi tudo em vão.

(Buzina, rumor de automóvel que pára.)

CONRADO

– Ramiro!

HENRIQUETA

– Felizmente!

CONRADO

– Por que felizmente?

HENRIQUETA

– Porque vou lançar-lhe em rosto sua infâmia.

CONRADO

– Prudência! Cuidado, Henriqueta!

(Mas Henriqueta já se precipitou para porta da E. Abre-a com rapidez, numa ânsia, numa febre

que toda a sacode, lhe altera os traços, lhe aumenta o desalinho do vestido de interior.

Ramiro surge à porta, numa tranqüilidade inquietante. Tem à sua frente Henriqueta visivelmente agitada por um grande sentimento. Observa a presença – esperada ou imprevista, quem o saberia dizer? – de Conrado. Tudo, porém, é insuficiente para lhe diminuir, sequer ao menos, a impassibilidade.

Desce ao primeiro plano, em passos pesados.

Só essa lentidão lhe trai o estado d'alma excepcional. Depõe o chapéu sobre um 'fauteuil', e como que interroga com o olhar a esposa e o amigo.

Henriqueta concentra-se para a investida que deseja aniquiladora. Conrado não consegue ter uma atitude razoável, lógica.)

RAMIRO (A Conrado)

– Não recebeste minha carta?

CONRADO

– Recebi.

RAMIRO

– Então?

CONRADO

– É o que vês. Não te obedeci.

RAMIRO

– E andaste com acerto. Fizeste bem.

CONRADO

– Não percebo.

RAMIRO

– E, todavia, nada mais simples. A tua desobediência me agrada. Eu te sou reconhecido por ela. (*Com ironia mais acentuada*) Maravilhoso amigo, surpreendente amigo, irrepreensível amigo! Não te limitas a compreender: adivinhas. Adivinhaste que devias estar aqui, que eu precisava de tua presença aqui. E vieste, a despeito da carta em que hoje te insultei. E o

pior é que com a tua desobediência, com a tua bravura, me provas, por meio de atos, mais valiosos do que as melhores, as maiores palavras, o meu erro a teu respeito. És um amigo útil, um amigo precioso. Dou a mão à palmatória. E com franqueza: é tão agradável ser-se obrigado a crer, a confiar nos seus amigos.

CONRADO

— Tinha o dever de levar certos atos ao conhecimento de tua esposa, para que ela não adotasse opinião igual à que enunciaste em tua carta, sobre as minhas qualidades de amigo. Para cumprir esse dever, eu afrontaria todos os perigos. Afrontei-os, de fato? Existem eles, de verdade? É o que me vais dizer.

RAMIRO

— Bravos! Tens uns modos simples, despreziosos, de praticar o heroísmo. Que encantador tu ficas! És perfeito, decididamente. E eu estou quase a pedir que me aceites as mais humildes desculpas.

HENRIQUETA (*Que esgotara todo o poder de se dominar*)

— Basta! Basta de ironias descabidas. São novas provocações. São novos insultos. Tudo tem limites. E, quem procede como tu, não tem o direito de insultar ninguém.

(Ramiro que, enquanto durou seu diálogo com o amigo, parecia ter esquecido a presença da mulher, ouve-a sem o menor sobressalto, atenciosamente. Somente ao fim da veemente apóstrofe, volta-se para ela, devagar, fita-a silenciosamente por alguns momentos.)

RAMIRO

— Por que me recusas, tu, minha mulher, minha companheira, presumidamente solidária em tudo comigo, até mesmo no crime por que me recusas esse direito?

HENRIQUETA

— Porque ninguém possui o direito de insultar a pessoa a quem roubou.

RAMIRO (*Indiferente à injúria, cada vez mais sereno e, apesar disso, mais inquietante*)

— Muito bem! Vejo que ele aproveitou bem a sua visita. Tudo te contou. Sabes tudo. Ou... quase tudo.

HENRIQUETA (*Em crescente exaltação*)

— Não restrinjas. Tudo sei, tudo, tudo.

RAMIRO

— É possível. Mas tenho as minhas dúvidas.

HENRIQUETA

— Tudo, repito. Onde vem a tua objeção? Da impossibilidade de serem narradas tantas torpezas em tão pouco tempo? Mas que me importam as minudências? Só em uma hipótese despertariam a minha curiosidade: se eu me quisesse fazer tua colaboradora em planos semelhantes de exploração à boa-fé alheia. Mas eu preferiria a própria morte a qualquer participação nessas torpezas.

RAMIRO

— Foste sempre assim?

HENRIQUETA

— Fui, por quê?

RAMIRO

— Pergunto se foste sempre assim.

HENRIQUETA

— Assim como? Não compreendo.

RAMIRO

— Pergunto se foste sempre re-fratária, contrária, manifestamente hostil aos meus... aos meus... aos meus negócios...

HENRIQUETA

— Negócios?! Chama-se a isso negócios? Desde quando?

RAMIRO

— Apre! Como estás cruel! Parece que nunca fizeste outra coisa em tua vida senão agredir-me.

HENRIQUETA

— Mas vamos ao que importa. É preciso que completes tuas frases.

É preciso que definas bem o teu pensamento. Desconfio que trazes um plano diabólico – o de convencer Conrado de que eu estava a par das tuas explorações e lhes dava o meu assentimento.

RAMIRO

– Haverá realmente uma grande importância nesse pormenor?

HENRIQUETA (*Fora de si, em altos brados*)

– Compreendo, miserável! Não basta a tua própria degradação. Queres que eu fique também maculada. Mas ninguém te acreditará. Ele, pelo menos, não te acreditará. (*E teve um gesto incerto na direção de Conrado*) Podes negar o horror que me causou a tua idéia de solicitar o seu auxílio, as minhas súplicas para que não o fizesses, a minha exigência, a minha intimação. Podes negar tudo, tudo. Ele não acreditará.

(Pela primeira vez Ramiro investe para ela, agressivo, maior, formidável. Toma-lhe, do braço direito com ímpeto. Conrado hesita entre o dever, o desejo de intervir, e o medo de agravar a crise.

No silêncio profundo que se estabelece, um ruído quase imperceptível atrai, desvia, absorve a atenção de Ramiro.

Deixa cair o braço da mulher, e, pisando leve, caminha até a porta da E...

Abre-se de chofre. Depara-se-lhe de pé, ávido por escutar, o chofer.)

RAMIRO

— Que deseja?

O CHOFER

— Pareceu-me... Sim... Pensei que o senhor doutor me havia chamado.

RAMIRO

— Enganou-se. Vá dormir!

(E fecha-lhe à cara, de novo, a porta.)

RAMIRO

– É curioso. Toda vez que esse rapaz tem medo de mim, descobre que sou doutor. Forte mania!

(Atravessa a 'estúdio', vai à porta da D. Corre-lhe, em gesto brusco, o reposteiro. Ali está a criadita, atenta aos rumores da alteração.)

A CRIADITA *(Interlocada)*

– Queria falar... Era para saber... A senhora não me chamou? Não?

RAMIRO

– Não te chamou, não, minha filha. Coitadita! Estás tão pálida! Precisas tomar um reconstituente.

(E corre, novamente, o reposteiro.)

RAMIRO

– Pobre rapariga! Não começa mal...

(E vai, finalmente, da mesma forma, à porta do fundo. Escancara-a. Aparece a cozinheira, possuída toda pelo desejo de ouvir.)

RAMIRO

– Que há?

A COZINHEIRA

– Nada, meu patrão. *(Pausa de constrangimento)* Sim, era para dizer à patroa que o jantar está pronto.

RAMIRO

– Pois, coma-o você.

(E fecha, com estrépito, a porta.)

RAMIRO

– Que santas criaturas! Quanto interesse pelo bem-estar de seus amos! Perceberam que rolava neste tapete um escândalo. Trataram de verificar o que era. Comovente solidariedade! Amanhã,

todo populacho do bairro se divertirá à nossa custa... *(Pausa)*
E como veio a propósito o estrépito surdo que denunciou a presença desses bons amigos, por detrás das portas! Eu ia praticar uma violência indigna de todos nós. Ia proceder como um carroceiro. Essa distração me salvou. O derivativo restituiu-me a calma. Podemos conversar como gente de boa sociedade. Sejam irrepreensíveis, sim? Não há luta. Não há desgraça que justifique a falta de compostura. *(Outro tom)* Não me acusas de outro crime, Henriqueta? *(Pausa)* Ficas silenciosa. Já sei. Pensas que vou fazer ironia, chalacear. Estás enganada. É impossível ser-se continuamente cínico. Talvez até eu passe ao extremo aposto: caia no patético. Mundo malfeito, este! Que dificuldade para se encontrar um termo! *(À Henriqueta)* Não sabes

em que dia comecei a extorquir dinheiro a Conrado? (*Silêncio de Henriqueta*) Não te amues. Estou calmo! Tão senhor de mim! Ele não to disse, talvez. Ah! Sim. Isso é um pormenor. E já o disseste: não queres saber dos pormenores.

HENRIQUETA

— Quero saber, somente, até onde vai o teu cinismo.

RAMIRO

— Isso! Não há inconveniente em que me insultes. Ao contrário... Podes provocar-me. Estou vacinado contra as cóleras. Efeito daquele intermezzo cômico dos nossos criados. "Boa gente! É o caso de se lhes gritar como o outro: Ah! les brave gens!" (*E ri.*)

CONRADO

– Parece que se prolonga demais esta cena, desagradável para todos nós. Retiro-me se me permites.

HENRIQUETA

– Fala tanto, e nem uma palavra, sequer, de justificação. Que palhaçada!

RAMIRO

– Um momento. Vou deixar de os importunar (*a Conrado*) Queres responder a minha pergunta? Quando te dei – vai em calão: é mais pitoresco – quando te dei a primeira... a primeira... facada?

CONRADO

– Inútil esta determinação. Que pretendes com ela?

RAMIRO

— Não é amável recusares-me uma resposta, além do mais tão simples.

CONRADO

— Não é difícil recordá-lo. Foi por ocasião de minha volta ao Rio, após a última viagem.

RAMIRO

— Ouves, Henriqueta? Logo depois de seu último regresso. Ora, muito bem. E lembras-te de tudo o que aconteceu no dia em que ele voltou ao Rio? Sabes tudo?

HENRIQUETA

— É prodigioso que desejes recordá-lo. Nesse dia, precisamente, te pedi, te exigi, que nunca lhe fizesses o menor pedido de empréstimo.

RAMIRO

– Só?

HENRIQUETA

– Que mais houve?

RAMIRO

– Oh! Quase nada. Um incidente muito trivial. Pena é que a humanidade ainda se preocupe com uma coisa tão banal e tão ridícula. Não os caceteio? Tenham paciência. Minha narração será breve. De volta da casa de meu irmão, eu que deixara vocês aqui a conversar, encontro esta sala vazia. Achei esquisito. Estaquei, surpreendido. Da sala vizinha, de quando em quando, a risada de Henriqueta. Mas não a risada comum. Certo riso em escala cromática, característico, inconfundível. Ah! Eu bem o conhecia. Houve uma época em que eu sabia fazê-la rir assim. Fui mestre. Depois, desa-

prendi. Mas... não vem isso a propósito. O certo é que me assaltou, poderosa, irresistível, a tentação de os surpreender, de os ver sem que me vissem. Aproximei-me, de mansinho. Ah! predestinação que assim se revelava! Já eu ia de mansinho! (*Pára. Olha bem os interlocutores. Quer gozar-lhes a crescente ansiedade.*)

RAMIRO

— Feio vício, o da espionagem! E como é prejudicial! Fui tremendamente punido. Bastou um pequeno repuxar do reposteiro para que eu surpreendesse — maldito reposteiro! —, para que eu surpreendesse minha mulher nos braços de seu amante!...

HENRIQUETA

— Mentira! Mentira! É uma invenção do teu espírito diabólico para te justificares! Mentos!

Mentes! Estávamos juntos, mas não como tu dizes.

(Ramiro ouve-a sorrindo. Olha, depois, para Conrado que continua imóvel, silencioso.)

RAMIRO *(À Henriqueta)*

— Eu contava com esse grito. É do estilo. Gritam assim os inocentes falsamente acusados. Gritam assim os criminosos surpreendidos no crime. O grito é o mesmo. Soa da mesmíssima forma. Pérfida natureza que unifica os contrastes para nos confundir! *(Pausa)* Mas olha para Conrado! Ele te abandona. Por que não sabe negar o que é evidente? Por que não quer sacrificar-se por ti, prolongando uma comédia de que está farto? Não sei. Pergunta-lhe tu. *(Pausa)* Mais tarde? Como quiseres. Mas ouve o resto. Ali, junto daquela mesa, estive de arma na mão, decidido a ir matá-los, na mesma

atitude impudica. Teu riso continuava a perseguir-me, a provocar-me. Que indecência! Já me sentia assassino, gloriosamente. De súbito, uma lembrança me veio: da exaltação com que meia hora antes, me suplicavas, me ordenavas que não solicitasse jamais, jamais! O auxílio de teu amante. Tive, a genial inspiração. Estava ao meu alcance castigar-te melhor, muito melhor. Guardei o revólver. Falei alto para preveni-los de minha volta. E comecei a farsa sinistra que só agora terminou: a do homem que sabe, e faz mesmo questão de demonstrar que sabe. Quanta amargura íntima! Quanto nojo de mim mesmo! Era de sufocar! Ufa! É de sufocar!

(Vai à janela, rápido. Abre-a. Respira com avidez o ar frio que sobe do jardim.)

RAMIRO

— Singular vingança, hein! Henriqueta? Verdadeira monstruosidade! Mas foi a monstruosidade de tua atitude que ma inspirou. Que estranha pretensão! Querias assegurar não sei que paradoxal pureza a um amor que era, em si mesmo, irremediavelmente impuro. À idéia de que teu amante pudesse atribuir-te qualquer sentimento menos nobre, estremecias de horror. Como se um homem pudesse ter em conta de honesta a mulher casada que se lhe entrega. Aceitar uma dádiva nem sempre é aprová-la... Que endemoniada fantasista! Acreditaste que à mulher adúltera fosse possível fantasiar-se de Madona! Sacrilégio delirante que um acaso me permitiu punir, e eu puni exemplarmente. Como? Enxovalhando, conspurcando, enlameando o amor que deseavas conser-

var a salvo de qualquer mácula. Sim, de qualquer mácula... diferente. Para consegui-lo devias continuar a ser para mim a "cara-metade" – cara no sentido de dispendiosa. E que fiz eu? Explorando abjetamente o teu cúmplice, tornei-te a minha "barata-metade", mais que barata: grátis; mais do que grátis: rendosa. Admirável política doméstica e conjugal, que me permitiu inverter por inteiro a situação que havias preparado. Que devia eu ser no teu plano? O "coronel", como se diz hoje em calão. E ele? O gigolô. Que revoltante injustiça! Que despropósito! Ele, com dinheiro a rodo, gigolô! Eu, um pobre-diabo e um diabo paupérrimo, "coronel"! Corrigi o que estava errado por teu capricho, por teu engenho. Troquei os papéis. Inverti as posições. Promovi teu amante a "coronel", por mereci-

mento, é claro, e refasteiei-me na condição macia de gigolô, que reservaras para ele (*a Conrado*) Francamente, Conrado: fiz mal? Apelo para a tua consciência. Pagaste demais? Olha que assim a ofendes! Abusei de ti como "pagador das tropas"? É dela a culpa, que exigia de mim tudo quanto lhe era necessário para te agradar. Que diabo! De quem era o prazer? Teu. Tu o pagaste. Se o pagasse eu, tu me terias roubado duas vezes: a mulher e o luxo com que a mulher te seduzia cada vez mais. Não creio que no íntimo me recuses razão, justiça. Compreendes agora o simbolismo que me trazia obcecado? Foste em nosso "ménage à trois", o homem que paga, "o homem que marcha". Cerquei-te de homenagens que também pagaste, como era de justiça. Dominas o meu, o nosso gabinete. Lá estás: "O homem que

marcha". Estás no cabeçalho de meu semanário: "O homem que marcha". Dei-te "facadas", mas dei-te honras, além dos prazeres.

HENRIQUETA

— Embuste, tudo isso. Pura mistificação. Queres que o prove? E o pedido que fizeste hoje? E o teu rompimento, ao receber resposta negativa?

RAMIRO (*Ri escarninho*)

— Não compreendes, hein? Tudo para que se precipitasse o desenlace, para que se desse isto. Percebes agora? Eu não podia prolongar, por vinte e quatro horas mais, que fosse, a dolorosa simulação de tanta torpeza. Já estava intoxicado ao último grau. E não só moralmente. Infecção generalizadíssima...

CONRADO

— Ponhamos um termo a esta cena ridícula. Estou à tua disposição. Mas exijo que respeites tua mulher.

RAMIRO

— Minha? Nossa, aliás. (*Outro tom*) Respeitá-la? E tu? Respeitaste-a, tu, porventura?

HENRIQUETA (*A Conrado*)

— É melhor deixá-lo falar. Conheço-lhe as manias. Agarrou-se a um pretexto para ter a vida que cobiçava — de parasita. Deixarei hoje mesmo esta casa. Peço-lhe, Conrado, que me acompanhe à casa de minha mãe.

RAMIRO

— Por que se ir embora? Por que se ir embora? Eu, sim, é que me devo ir. Conrado: entrego-te esta casa onde quase tudo custou o

teu dinheiro. Até a dona... Sou mais honesto do que pensas. Do que te arranquei, uma parte, pelo menos, a maior, te devolvi, te devolvo.

HENRIQUETA

— Fazes muito bem. Vai-te logo embora! Desaparece de minha frente, sórdido... aproveitador!...

RAMIRO

— Nada de palavrões, princesa! Continuemos irrepreensíveis. Não sou homem de cultivar ódios. Bem o provei. Demais, até. Perdoem-me se não levei mais longe o meu espírito de sacrifício. Eu era indispensável à felicidade de vocês. Para que o amor lhes soubesse bem, era preciso que eu estivesse aqui, feito déspota mistificado, desempenhando a rigor o meu melancólico papel de marido inocente. Eu ausente, vocês des-

cerão à condição de uma trivial mancebia. (*Outro tom*) Estou quase a sensibilizar-me diante do que os espera. Que saudades vocês terão de mim! Eu era um mal necessário, imprescindível. O amor que os ligou vai entrar em franca decomposição. A indiferença, hoje; amanhã, o ódio, talvez. E sabem por que sou sensível à tristeza do fim que os espera? É que estou triste, igualmente. E não há maior solidariedade que a desolação. Chego ao alto de meu calvário sem entusiasmo. A vingança é como as festas: o maior gozo está no esperá-la. Pois se é também uma festa... Vivi tanto por antecipação este momento, que dele retirei, a pouco e pouco, e absorvi e consumi, tudo quanto ele podia comportar alegria trágica. Seria um bem para nós todos que eu prolongasse mais ainda a nossa

abjeção. Mas eu estava cansado. Aposento-me. (*Outro tom*) E calo-me. Estou exausto de falar. Se o que está a passar-se aqui, ao invés de cena real, cena da vida dolorosa e ridícula ao mesmo tempo, fosse apenas episódio de comédia representada por nós, o público já me teria vaiado. E eu, que não sou máquina de sacrifícios, que já estou farto de sacrifícios, deixaria o palco, iria arrancar do buraco onde estivesse escondido, verde de pavor, o desastrado autor da peça. Sério, que iria. E ele viria receber sozinho, como de justiça, a formidável vaia. É que estou a declamar verdadeiro, interminável monólogo, coisa inadmissível no teatro moderno. Mas não estamos a representar, felizmente ou infelizmente, estamos a viver. E se eu monologo assim, continuamente, a culpa é de

você que me não interrompem, me recusam as suas deusas. Peça malfeita sai, afinal, esta farsa sombria: a nossa vida. *(A Conrado)* Sê feliz! E progride sempre! Aos 30 anos marchas a primor, melhor do que o mais famoso "vieux marcheur". És uma vocação! Que não farás, em chegando aos 60!? *(À Henriqueta)* Às tuas ordens, sempre, apesar de tudo. Mas, não para marido, é claro. Para gigolô... A nossa lei proíbe terminantemente as acumulações... E já acumulei demais. *(Pausa)* Procuo a minha última frase, e não a encontro... É indispensável para que o pano caia bem.

HENRIQUETA

— Pois a mim não me falta: vai-te, aproveitador!

RAMIRO

– Bravos! Como tu me sabes inspirar! Sempre, a Musa! Achei logo! Fica-te... “cocotte”!

(E sai, sorridente, cortês, feliz, descuidoso como um estudante em férias, enquanto baixa o PANO).

COLEÇÃO PORACÉ | TEATRO

A FABULOSA LOJA DOS BICHOS

Jorge Bandeira

A FLORESTA E OS BICHOS CONTRA O HOMEM-FOGO

Custódio Rodrigues da Silva

A JÓIA DA FAMÍLIA

Américo Alvarez

AMANUSMENTE

Luiz Vitalli

AQUELA OUTRA FACE DA TRIBO

Aurélio Michiles

A ÚLTIMA DANÇA DE CÁTIA BOLERÃO

Álvaro Braga

A VINGANÇA DO CARAPANÃ ATÔMICO

Ediney Azancoth

É PROIBIDO JOGAR LIXO NESTE LOCAL

Wagner Mello

LÁGRIMAS DE BRINQUEDO

Alfredo Fernandes

MUNDICA

Sergio Cardoso

NÓS, MEDEIA

Zemaria Pinto

O HOMEM QUE MARCHA

Benjamin Lima

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO NA CIDADE DE ERECHIM/RS, EM
JULHO DE 2003, PELA GRÁFICA EDELBRA. A FAMÍLIA TIPOGRÁ-
FICA UTILIZADA NA COMPOSIÇÃO DO TEXTO FOI MYNIAD
CONDENSED 11,5/14. O PROJETO GRÁFICO — MILO (EDI-
TORAÇÃO/FOTOLITOS) E CAPA — FOI FEITO PELA VALER
EDITORA. OS FOTOLITOS DA CAPA FORAM PRODUZIDOS EM
MANAUS PELO BUREAU.COM.

trama. A primeira é a mulher do segundo tendo como amigo o terceiro. Mais que amigo – um amante sedutor e rico que, bem haja a sabedoria popular, “a mentira tem perna curta”, é descoberto pelo marido enganado, mas, esperto, arquiteta meticulosamente sua vingança de modo original.

Mais do que isso seria um nunca acabar de predicados e elogios para este autor maravilhoso que é Benjamin Lima, consciente de sua função social.

Robério Braga

É escritor, membro da Academia Amazonense de Letras e autor de *Rui Barbosa e o Amazonas*

O homem que marcha

— *Toda. Meu panfleto nunca evocará o homem normal, normalmente marchando, — alegoria feliz e triunfal de uma humanidade sadia, intrépida, com a perfeita consciência do que deseja. Não. Será, integralmente, o caminhante de Rodin — um resto de homem, sem idéias e sem gestos, esbulhado de tudo quanto poderia perpetuar nele a semelhança com os deuses. Sua marcha é uma submissão incondicional à Fatalidade. A mais dolorosa e triste das renúncias...*

ISBN 85-7512-128-6



9 788575 121283